

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA – CCSST
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS - SOCIOLOGIA

JULLYANA CRISTHINA ALMEIDA DE FREITAS

O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO:

A Constituição de Uma Consciência Humana na Educação Popular da Comunidade
Viva Deus

IMPERATRIZ-MA

2019

JULLYANA CRISTHINA ALMEIDA DE FREITAS

O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO:

A Constituição de Uma Consciência Humana na Educação Popular da Comunidade
Viva Deus

Trabalho monográfico de conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Humanas com habilitação em Sociologia apresentado a Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Ciências Humanas.

IMPERATRIZ-MA

2019

Freitas, Jullyana Cristhina Almeida de.

O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO: A constituição de uma consciência humana na educação popular da Comunidade Viva Deus / Jullyana Cristhina Almeida de Freitas. - 2019.

73 f.

Orientadora: Betânia Oliveira Barroso.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do Maranhão, 2019.

1. Comunidade. 2. Conscientização. 3. Constituição. 4. Educação. 4. Educação. 5. Popular.

I. Barroso, Betânia Oliveira.

Jullyana Cristhina Almeida de Freitas

O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO:

A Constituição de Uma Consciência Humana na Educação Popular da Comunidade
Viva Deus

Trabalho monográfico de conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Humanas com habilitação em Sociologia apresentado a Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Humanas.

Monografia apresentada em 04 de janeiro de 2019.

Banca Examinadora:

Prof.^a. Dr.^a. Betânia Oliveira Barroso (1^a examinadora/orientadora –
UFMA/CCSST/LCH)

Prof.^o Dr. ^o Alexandre Peixoto Faria Nogueira (2^o examinador – UFMA/CCSST/LCH)

Prof.^a Ms. ^a Cláudia da Silva Lima (3^a examinadora – UFMA/CCSST/LCH)

Imperatriz - MA

2019

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.
(Paulo Freire, 1997, p. 155)

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos sujeitos da Comunidade Viva Deus, que contribuíram para minha constituição enquanto ser humano ao longo do percurso.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente Fora Bolsonaro e toda a corja política partidária que em nada contribui para com a classe trabalhadora e nem muito menos com seus objetivos.

Em segundo lugar, quero agradecer à Prof.^a. Dra. Betânia Barroso, por, acima de tudo, pela pessoa que tem sido para mim desde o momento em que adentrei no universo do ensino, pesquisa e extensão, sempre me apresentando o mundo de possibilidades a que posso seguir tanto no âmbito acadêmico quanto nos caminhos que trilho e irei trilhar, visto que essas duas coisas são indissociáveis. Agradeço ainda por toda a amorosidade, afeto e dedicação para comigo e com os objetivos e sonhos que compartilhamos durante nosso percurso, estando sempre presente em todos os momentos, sobretudo nos difíceis, que foi quando precisei de apoio e sua força sempre esteve lá me mostrando que caminho deveria seguir e trazendo luz quando as coisas estavam escuras. A ela serei eternamente grata.

Aos meus pais, não somente por serem o maior exemplo de determinação e força na busca dos objetivos, mas por terem sido sempre compreensíveis com os caminhos que escolhi trilhar, caminhos esses nem sempre fáceis, mas que se tornaram fáceis por conta de todo o suporte e apoio que deles recebi ao longo de toda a minha formação e continuo recebendo em todos os momentos de tomadas de decisão. À minha mãe, Dalvanira Almeida, a potiguar mais linda e dedicada no que se propõe a fazer e ao meu pai, Manoel Freitas, por ser a maior fortaleza que tenho em minha vida e que tenho orgulho de ser igual a ele (sobretudo nos defeitos, nisso a herança veio forte, risos). Ao meu irmão, pessoinha essa difícil, mas que me suporta aparecendo em casa esporadicamente interferindo na rotina dele, o que gera desentendimentos, mas que logo fazemos as pazes para tentar manter a paz do universo (no caso, lá em casa, risos).

À companheirada que tive a sorte de ter encontrado ao longo do curso, principalmente via GEPEEEP, ao Marcos Lira, por ser uma pessoa de postura praxica, estando ao meu lado em todos os momentos (todos mesmo, risos), e que diariamente contribui para a minha constituição que só avança em direção a me tornar uma pessoa melhor, bem como contribuiu para muitas risadas. É impossível ficar triste ao lado dele.

À Mônica, por todas as filosofias compartilhadas, teorias da conspiração, momentos peculiares que passamos juntas (risos), mas também pela parceria na

participação de eventos, apresentação de trabalhos, por topar qualquer parada e não somar esforços quando precisei. Ao Jean Pierr e ao seu companheiro César, por formarem uma dupla maravilhosa a que tenho a honra de conviver e de aprender principalmente que acima de tudo devemos buscar a nossa felicidade. Ao Daniel, vulgo Danzinho, pelo entusiasmo na realização e elaboração das nossas ações, projetos e por sua presença acalorada que levanta o astral de qualquer um. À minha amiga Juliana, por ter caminhado comigo durante muito tempo e me ensinado que a vida nem sempre se constrói em embates e confrontos direto, mas também através de momentos de serenidade, calma e paciência na busca dos nossos objetivos. Aos demais parceiros do grupo, Fernando, Diulliany, Adeluane e à Profª Elena, pelos ensinamentos e por me fazer entender que os processos de constituição humana podem ocorrer de muitos modos, pois nossos encontros são sempre espaços de aprendizagem, seja lá qual for. Ao GEPEEP, quero deixar claro que esse trabalho é nosso.

Aos amigos que fiz na Comunidade Viva Deus, que são a quem dedico esse trabalho: Dona Zizi, seu Ceará, Eunice, Dona Zenilde, seu Barbosa, Silvio e sua mãe, dona Maria Aparecida, dentre outros companheiros de luta que tive a sorte e a honra de ter cruzado em minha trajetória, por me ajudarem a encontrar a certeza de que lado eu quero e preciso estar no meio dessa luta, que é de classes e ideológica, e a me constituir enquanto um ser humano que sabe olhar para fora da bolha em que vive, sempre se pondo no lugar do outro, pois isso é ser social. Isso é viver em comunidade e comunhão com os outros, pois estamos no mesmo barco.

Aos professores que encontrei ao longo do curso, que contribuíram comigo na busca de que educadora que devo, mas também como não devo atuar. Em especial à Profª Cláudia, não somente por ter a mesma visão de mundo que compartilho, mas por ter sempre a palavra certa no momento em que precisei ouvir, seja nos momentos de produções científicas ou até mesmo fora desse âmbito. Ao professor Manoel Pinto, que foi uma honra poder ter convivido e conhecido sua história, sua práxis, sua atuação política. À Professora Tayanná Sbranna, que em sua rápida passagem pela Universidade, me deixou ensinamentos que certamente irão me acompanhar por toda a trajetória acadêmica que almejo seguir. Aos professores, Alexandre Peixoto, Agnaldo Silva, Jesus Marmanillo, Vanda Pantoja e Salvador Tavares, que por mais que não tenhamos um contato mais próximo, sempre estiveram dispostos a ouvir minhas elucubrações, que, inicialmente não faziam tanto

sentido, mas como é caminhando que se faz o caminho, a contribuição de cada um na minha caminhada foi fundamental para que eu encontrasse total sentido naquilo que hoje sigo.

A todo o corpo administrativo da UFMA, em especial a Alda Dantas, que foi muito mais que a técnica administrativa do nosso curso, mas uma amiga que fiz e que sempre acreditou em mim, me deu puxão de orelha quando precisei, se preocupava junto comigo quando os prazos estavam se esgotando e tinha a paciência de me ouvir quando as coisas ficavam sérias, o que não era fácil (risos).

LISTA DE IMAGENS

Imagem I – Espaço de Funcionamento das Reuniões e da Escola.....	21
Imagem II – Momento de Aprendizagem da Educação de Jovens e Adultos.....	41
Imagem III – Visita à Colheita de Feijão de um Morador.....	49
Imagem IV – GEPEEEP e um Morador, seu Ceará, Frente à Plantação.....	54
Imagem V – Encerramento de Semestre na Comunidade.....	55
Imagem VI – Caçador Ilustrado.....	57
Imagem VII – Caçador Gato.....	58
Imagem VIII – Mural de Apresentação da Festa da Colheita.....	60
Imagem IX – Mandala Produzida a partir da Troca de Grãos e Sementes entre os Moradores.....	60

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso busca apresentar/explorar/analisar os processos de conscientização e constituição humana desenvolvidos a partir da iniciativa popular do “Projeto Escola Comunidade Viva Deus”, que se destina a pessoas acampadas às margens da Rodovia Pe. Josimo, vulgo Estrada do Arroz, na zona rural da cidade de Imperatriz-MA, organizadas sob a forma de associação de produtores rurais e que esperam pela emissão de posse da terra, ou seja, esperam ser assentados. Inicialmente, como problemática, questiono-me sobre o que definem as práticas pedagógicas ou processos de conscientização e constituição humana desenvolvidas na Comunidade, tendo em vista que elas ocorrem a partir de uma metodologia da Educação Popular e da Educação de Jovens e Adultos, por meio da práxis defendida por Freire. Para alcançar esses objetivos, busco embasamento teórico em Paulo Freire (1967, 1981, 1986, 1987, 1989), Brandão (1986), Barroso (2015), Hilário (2010), dentre outros autores, abordando três categorias conceituais essenciais: Educação Popular, conscientização, e Educação de Jovens e Adultos. Nessa perspectiva, pretendo apresentar as experiências obtidas através do círculo de cultura proposto pela metodologia freireana, com os diários de campo, bem como apontar de que forma essa metodologia de ensino consegue alcançar níveis de conscientização crítica, tendo em vista uma dialogia praxica acerca de que perspectiva de Conscientização e Constituição Humana defendo. Por último, busco apresentar as estratégias de luta e resistência, que ocorrem por meio de oficinas, cursos de formação, o exercício da plantação e as *situações-problemas-desafios*, que é uma técnica de socialização das experiências e de busca de alternativas para a superação de problemas do cotidiano da Comunidade, tanto na categoria de iniciativa popular, quanto na categoria do ensino de jovens, adultos e idosos. Nesse sentido, tenho como premissa de que a alfabetização e Educação não podem ser pensadas como algo que objetiva apenas o processo formativo escolar e ignora a formação de sujeitos críticos, mas sim deve ser pensada em sua totalidade.

Palavras-Chave: Comunidade; Conscientização; Constituição; Educação.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

INCRA	Instituto Nacional De Colonização E Reforma Agraria
MST	Movimento Sem Terra
MIQCB	Movimento Interestadual Das Quebradeiras De Coco Babaçu
GEPEEEP	Grupo De Ensino, Pesquisa E Extensão Em Epistemologia E Educação Popular
UFMA	Universidade Federal Do Maranhão
STTR	Sindicato Dos Trabalhadores E Trabalhadoras Rurais De Imperatriz

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1 Justificativa.....	15
1.2 Objetivos.....	18
1.2.1 Objetivo Geral.....	18
1.2.2 Objetivos Específicos.....	18
1.3 Contextualização da Caminhada do objeto de estudo.....	19
2. DOS FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA A CAMINHADA NA COMUNIDADE VIVA DEUS	24
2.1 Contextualizando a caminhada da Educação Popular.....	24
2.2 Da caminhada da Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos na Comunidade Viva Deus.....	29
2.3 Da caminhada para a Conscientização e Constituição Humana.....	32
3. DA DEFINIÇÃO E CAMINHADA METODOLÓGICA	35
3.1 Dos instrumentos e procedimentos metodológicos.....	36
4. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS	40
4.1 Minha caminhada praxica.....	43
4.2 Mantendo a caminhada.....	55
5. CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CAMINHADA	62
REFERENCIAS	65
ANEXOS	68

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso busca apresentar/explorar/analisar os processos de conscientização e constituição humana desenvolvidos a partir da iniciativa popular do “Projeto Escola Comunidade Viva Deus”¹, que se destina a pessoas acampadas às margens da Rodovia Pe. Josimo, vulgo Estrada do Arroz, na zona rural da cidade de Imperatriz-MA, organizadas sob a forma de associação de produtores rurais e que esperam pela emissão de posse da terra, ou seja, esperam ser assentados.

Inicialmente, como problemática, questiono-me sobre o que definem as práticas pedagógicas ou processos de conscientização e constituição humana desenvolvidas na Comunidade, tendo em vista que elas ocorrem a partir de uma metodologia da Educação Popular e da Educação de Jovens e Adultos, por meio da práxis defendida por Freire.

Nesse sentido o termo práxis é utilizado para conceituar toda e qualquer atividade que produz a unidade entre o homem e o mundo, a teoria e a prática. Ainda, é uma atividade humana e social que se concretiza através da realidade, sendo um aspecto indispensável na constituição do ser humano. Segundo Vázquez (1977) é a “atividade material do homem que transforma o mundo natural e social para fazer dele um mundo humano” (op. cit., p. 3).

Nessa perspectiva, nossa prática pedagógica ocorre a partir de uma metodologia própria de ensino e aprendizagem que busca contemplar as especificidades da educação/constituição de sujeitos trabalhadores jovens, adultos e idosos. Para alcançar esses objetivos, busco embasamento teórico em Paulo Freire (1967, 1981, 1986, 1987, 1989), Brandão (1986), Barroso (2015), Hilário (2010), dentre outros autores, abordando três categorias conceituais essenciais: Educação Popular, conscientização, e Educação de Jovens e Adultos.

¹ Esse trabalho é fruto do grupo de ensino, pesquisa, extensão, epistemologias em Educação Popular – GEPEEEP, do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz, que desenvolve o projeto de ensino, pesquisa e extensão denominado “A FORMAÇÃO DE ALFABETIZADORES(AS) DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA ZONA RURAL DE IMPERATRIZ/MA: “PROJETO ESCOLA COMUNIDADE VIVA DEUS”.

Nessa perspectiva, pretendo apresentar as experiências obtidas através do círculo de cultura proposto pela metodologia freireana, com os diários de campo, bem como apontar de que forma essa metodologia de ensino consegue alcançar níveis de conscientização crítica, tendo em vista uma dialogia praxica acerca de que perspectiva de Conscientização e Constituição Humana defendo.

Por último, busco apresentar as estratégias de luta e resistência, que ocorrem por meio de oficinas, cursos de formação, o exercício da plantação e as *situações-problemas-desafios*, que é uma técnica de socialização das experiências e de busca de alternativas para a superação de problemas do cotidiano da Comunidade, tanto na categoria de iniciativa popular, quanto na categoria do ensino de jovens, adultos e idosos.

Nesse sentido, tenho como premissa de que a alfabetização e Educação não podem ser pensadas como algo que objetiva apenas o processo formativo escolar e ignora a formação de sujeitos críticos, mas sim deve ser pensada em sua totalidade, o que pressupõe um trabalho de conscientização humana.

1.1 Justificativa

Como venho de um curso de licenciatura em Ciências Humanas com habilitação na área de Sociologia, por iniciativa própria, logo entrei num grupo de pesquisa na área da Educação, que se identifica com pressupostos teóricos e metodológicos da Educação Popular em Paulo Freire através de estudos semanais

O Grupo de estudo Ensino Pesquisa em Epistemologia em Educação Popular GEPEEEP, criado pela Professora Dra. Betânia Barroso, logo partiu, também, para a Extensão, ou seja, para a ação interventiva numa Comunidade rural da estrada do arroz, a Comunidade Viva Deus, após a procura da Comunidade à Universidade apresentando uma demanda educativa.

Como estamos no âmbito pedagógico, uma vez que é um projeto na área da Educação, compreendemos que não teríamos como dissociá-lo da luta da Comunidade pela fixação da terra, ou seja, da realidade do contexto em que estamos inseridos. Com base nessas questões, o projeto foi norteado e no processo, nosso trabalho foi ganhando significação, e nossa vida acadêmica

também, tendo em vista que transpassar os muros é um dever social da Universidade.

Trabalhar com a Comunidade e com a classe trabalhadora e educação popular foi me fazendo entender, que na práxis diária o processo vai se efetivando. Essa práxis me fez entender, também, que existe saberes específicos da Comunidade e dos seus modos de viver, que deveriam ser priorizados no processo formativo da Comunidade, tendo em vista que seguimos a metodologia práxica de trabalho de Paulo Freire.

Nesse sentido, é importante frisar que enquanto educadora popular na Comunidade Viva Deus, pude perceber que as minhas experiências são compreendidas não somente no âmbito acadêmico, em autores estudados, nos textos produzidos, mas também na práxis e ao longo da realização do trabalho. Todavia, tal práxis é condicionada pela metodologia freireana, que, em suas ideias, afirma que as pessoas não são iguais, e, que, portanto, o educador e os educandos não podem estar na mesma posição porque a diferença precisa existir. No entanto não se pode permitir que essa diferença torne o educador um sujeito autoritário:

A experiência de estar por baixo leva os alunos a pensarem que se você é um professor dialógico, nega definitivamente as diferenças entre eles e você. De uma vez por todas, somos todos iguais! Mas isto não é possível. Temos que ser claros com eles. Não. A relação dialógica não tem o poder de criar uma igualdade impossível como essa. O educador continua sendo diferente dos alunos, mas – e esta é, para mim, a questão central - a diferença entre eles, se o professor é democrático, se o seu sonho político é de libertação, é que ele não pode permitir que a diferença necessária entre o professor e os alunos se torne antagônica. A diferença continua a existir! Sou diferente dos alunos! Mas se sou democrático não posso permitir que esta diferença seja antagônica. Se eles se tornam antagonistas, é porque me tornei autoritário. (FREIRE, 1986, p. 117).

Portanto, não se trata de estar abaixo ou acima dos educandos, nem muito menos igual a eles, mas trata-se de assumir uma postura democrática, criadora, criativa que busque, antes de qualquer formação, a formação política. Não obstante, trata-se de saber mediar um trabalho realizado em meio a situações de conflitos. Tal mediação serve para lidar com a problematização da realidade junto aos educandos, configurando um movimento de ação-reflexão-ação.

Uma formação precedida desse modo, leva a transformar e formar todos os sujeitos envolvidos no processo, tanto os sujeitos aprendentes quanto o educador

mediador, pois ambos se utilizam dos próprios saberes, das próprias experiências e da própria visão de mundo no processo formativo, que busca alcançar processos de conscientização e criticidade diante da realidade presente.

A obra de Paulo Freire nos sugere que é necessário saber quem são os sujeitos com que trabalhamos a partir de seu universo existencial, simbólico, da dinâmica específica do processo formativo, dos aspectos que marcam sua linguagem, sua afetividade e o contexto com o qual está inserido.

O objetivo de investigar os processos de constituição dos sujeitos da Comunidade Viva Deus foi ganhando relevância a partir das experiências obtidas no trabalho com Educação Popular com os sujeitos, por meio do projeto “A Formação De Alfabetizadores(as) da Educação de Jovens e Adultos da Zona Rural De

Imperatriz/MA: “Projeto Escola Comunidade Viva Deus”, desenvolvido pelo Grupo GEPEEE.

Diante disso, acerto que os processos de conscientização e constituição humana são processos desenvolvidos na prática cotidiana, que vão de questões mais simples às mais complexas. É um processo que se expressa através das práticas sociais coletivas ocorridas na comunidade e faz com que o sujeito esteja imbricado em “converter-se em participante pleno de uma prática sociocultural, que compromete os propósitos de aprender de uma pessoa e configura o significado da aprendizagem” (LAVE & WENGER, 1991, p. 1).

A partir de tais premissas, busco investigar/explorar/apresentar de que modo os sujeitos da Comunidade Viva Deus vão se constituindo enquanto sujeitos de aprendizagem dotados de consciência crítica, onde consideramos que isso é construído nas práticas sociais existentes no movimento de luta popular pela fixação da terra no contexto em que estão inseridos, contexto esse que promove, também, o desenvolvimento do Projeto de uma escola popular, a qual exerce funções pertinentes à dimensão político-pedagógica do processo.

Dessa maneira, o processo de constituição dos sujeitos envolvidos no processo de constituição político-pedagógico vai se dando a partir dos diálogos desenvolvidos nos *círculos de cultura*, pois o conhecimento não é levado à comunidade, mas sim é construído coletivamente ao longo do processo.

Por meio desse modo de trabalho, busco apresentar/explorar/analisar os processos de conscientização política e constituição humana desenvolvidas a partir da iniciativa popular do “Projeto Escola Comunidade Viva Deus”, partindo da experiência da alfabetização de Jovens, adultos e idosos da Comunidade citada.

A perspectiva freireana constitui a base de toda a experiência educativa na Comunidade Viva Deus. Assim, por conta da própria constituição dessa metodologia, é premente ressaltar que a educação é uma construção social e histórica que está em constante movimento, bem como é o meio pelo qual o homem adquire sua cultura, suas relações e sua história. Em meio a esse contexto, aprender e ensinar devem andar sempre juntos para que possamos, cada vez mais, caminhar rumo ao modelo de sociedade que almejamos e buscamos por meio da nossa prática educativa, modelo esse que contribui para a legitimação de saberes populares, tão negados pelo modelo tradicional de fazer ciência.

Tais premissas básicas de uma educação transformadora se efetivam na Comunidade Viva Deus, na medida em que relaciona a formação política ao processo pedagógico, fazendo com que os sujeitos se valham de suas experiências políticas do movimento pela terra para aprender, bem como suas experiências obtidas no âmbito pedagógico para a luta, configurando, assim, uma constituição dialética. É nesse contexto que se vê nascer a resistência e a luta, temática abordada mais à frente no texto.

1.2. Objetivos

1.2.1. Objetivo Geral

Apresentar/explorar/analisar os processos de conscientização e constituição humana desenvolvidos a partir da iniciativa popular do “Projeto Escola Comunidade Viva Deus.

1.2.2. Objetivos específicos

Apresentar as experiências obtidas através do círculo de cultura;

Analisar de que forma essa metodologia de ensino consegue alcançar níveis de conscientização crítica;

Explorar as estratégias de luta e resistência, que ocorrem por meio de oficinas, cursos de formação, o que contribui para a Constituição Humana dos sujeitos da comunidade.

1.3. Contextualização da Caminhada do Objeto de Estudo:

Para discutir o contexto de formação da Comunidade Viva Deus, é importante ressaltar o caráter de luta popular por território a qual se deu seu surgimento. A luta por terra no Brasil existe desde o período imperial, tendo em vista que é o período da história onde se institui a lei de terras e abole-se o sistema escravista, e em meio a esse cenário, as grandes concentrações de terra faziam surgir grupos de resistência.

Somente a partir de 1964, com a criação do Estatuto da Terra, decretado no governo civil-militar encabeçado pelo general Castelo Branco, passamos a ter aquilo que poderia ser entendida como a primeira lei de Reforma Agrária no Brasil, e que visava mexer com a estrutura fundiária do país (GRZYBOWSKI, 1990, p.77-78). Foi somente a partir da criação do Estatuto da Terra que puderam ocorrer a possibilidade de desapropriações, que na época, só ocorriam de maneira esporádica para conter os conflitos de terra que já estavam em processo no país.

Desse modo, historicamente, a resistência a concentrações de terra, e não obstante, ao atual modo de produção capitalista hegemônico, não têm deixado espaço para que os trabalhadores rurais e as populações do campo possam trabalhar e viver de forma tranquila. Apesar de haverem políticas públicas voltadas ao campo e suas populações, quase sempre ocorre que, por diversos fatores, tais políticas apresentam-se ineficientes.

A resistência e a luta popular por terra estão vivas e se dão de diversas formas, e tais lutas são importantíssimas para que os trabalhadores se fortaleçam e tenham sucesso em suas reivindicações. Uma dessas lutas vem sendo experienciada na Comunidade Viva Deus (lócus de desenvolvimento da presente pesquisa), onde características de luta têm sido construídas, como por exemplo, a união, a identidade de grupo, a consciência coletiva, que objetiva um novo modelo

de sociedade, bem como a articulação de um novo projeto de vida para os moradores da Comunidade. Essas características, no decorrer do desenvolvimento do projeto de pesquisa, têm se mostrado em sua constituição de forma mais forte e clara na Comunidade.

Nesses termos, a presente pesquisa na Comunidade Viva Deus foi instigada por minha participação no Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Epistemologia e Educação Popular - GEPEEEP, que partiu para uma ação contínua de extensão, tendo em vista a demanda social/educacional apresentada pelo líder da Comunidade Sílvio Sousa, em um seminário sobre o Projeto MATOPIBA – anacrônico formado com as iniciais dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, extensão geográfica essa recoberta pelo projeto de desenvolvimento MATOPIBA -, ministrado pelo Prof. Dr. Alexandre Peixoto, o qual também foi responsável por apresentar a Comunidade ao Projeto de Extensão do GEPEEEP, “Projeto Escola Comunidade Viva Deus”².

É um trabalho que busca entender o contexto de vida dos trabalhadores da Comunidade, uma vez que não têm a posse de terra garantida. Nesse contexto, permanecem ameaçados, violentados e tendo suas vidas submissas aos desmandos de fazendeiros e empresas. Portanto, com base nisso, ou seja, na luta e resistência pela fixação da terra, centramos todo nosso processo educativo nesses elementos, como base para formação/constituição, tanto da nossa práxis pedagógica, quanto da formação/constituição política dos sujeitos da Comunidade, num movimento dialético de construção de experiências e saberes.

A Comunidade Viva Deus reúne os acampados da desapropriação da fazenda El Dourado e está situada na Estrada do Arroz, na qual é uma rodovia construída para o escoamento da produção agrícola das empresas da região. Os sujeitos da Comunidade estão organizados sob o formato de uma Associação de Agricultores Rurais, na qual notamos que tal associação possui uma representação bem mais profunda. Esta, objetiva a luta pela fixação da terra e, atualmente, trabalha a estratégia do plantio com a agricultura familiar.

² Projeto de ensino, pesquisa e extensão: “A formação de alfabetizadores(as) da educação de jovens e adultos da zona rural de imperatriz/MA: “projeto escola comunidade viva deus”

Os moradores da Associação, ainda se encontram acampados, pois apesar de a fazenda El Dourado, já ser um território da União destinado para projetos de reforma agrária, a emissão de posse ainda não foi concretizada para que a comunidade seja assentada efetivamente. Também, o fato de não terem sido assentados está diretamente vinculado com a instalação da empresa Suzano Papel e Celulose nos arredores do território para o Assentamento, a qual tem interesse na área para o plantio de eucalipto. Além disso, a notoriedade do descaso do estado que está intimamente ligado ao Capital.

Imagem I – Espaço de Funcionamento das Reuniões e da Escola



FONTE: GEPEEE, 2017.

Sob a coordenação do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais – STTR - de Imperatriz, as famílias da Associação foram alocadas na Fazenda El Dourado em meados do ano de 2003, fazenda essa, localizada a 42 km da cidade de Imperatriz. Ainda nesse mesmo ano, segundo o presidente da associação Silvio Sousa, o INCRA solicitou uma vistoria no terreno para investigar se as

famílias estavam dentro dos requisitos para serem inseridas no Programa Nacional de

Reforma Agrária (PNRA), que segundo o Ministério do Desenvolvimento Social, é um programa que busca melhorar a distribuição da terra, para atender os princípios de justiça social, desenvolvimento rural sustentável e aumento de produção. Dentre os requisitos para que as famílias pleiteiem a terra são: possuir Cadastro Único e renda familiar mensal de até três salários mínimos.

De acordo com a perícia técnica realizada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), o território da fazenda El Dourado abriga até 110 famílias, e foi desapropriada por apresentar índices de produtividade abaixo do que determina a Constituição Federal. A então Comunidade Viva Deus foi constituída num cenário de muita perseverança e de muita luta diária, principalmente por conta da chegada da empresa Suzano Papel de Celulose, que é a materialização do grande capital, tendo em vista o lucro com a terra por meio do plantio de eucalipto.

É necessário afirmar que as comunidades tradicionais, como a Viva Deus estão em constante movimento de articulação, configurando uma nova preocupação sobre a Educação Popular, uma vez que a Educação em sua totalidade deve atender aos anseios de quem os apresenta. Nos últimos anos, as Comunidades Tradicionais passaram a se articular com outros grupos comunitários que tem reunido indígenas, quilombolas, quebradeiras de coco babaçu, seringueiros, pescadores, dentro outros atores.

Essas articulações se materializam em eventos que objetivam a socialização de experiências que reúne todos esses povos, como por exemplo, o Encontro da Teia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Maranhão, que também existe no Piauí e na Bahia; a Articulação Camponesa de Luta pela Terra e Defesa dos Territórios, no Tocantins; o Fórum de Comunidades Tradicionais entre o Rio de Janeiro e São Paulo, entre outras.

Regionalmente falando, a Comunidade Viva Deus, por meio do “Projeto Escola Comunidade Viva Deus” realizado pelo Grupo de Ensino Pesquisa e Extensão em Epistemologia e Educação Popular – GEPEEEP, coordenado pela Profa. Dra. Betânia Barroso, está articulada com o MIQCB (Movimento

Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu), com o MST (Movimento Sem-Terra), com a Secretaria de Agricultura de Imperatriz/MA e mais recentemente com o GEDMA (Grupo de Estudos em Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente), sob diversos aspectos: assessoria jurídica, que sempre está presente em momentos de encaminhamentos de denúncias no Ministério Público sobre as ameaças e ofensivas das Empresas; Também a realização de oficinas e cursos de formação política; viagens para participação de Encontros tendo em vista a articulação de estratégias de luta e resistência com outros grupos, etc.

Os Encontros realizados se organizam objetivando a articulação de estratégias unificadas que possam deter as agressões e violências praticadas por fazendeiros, latifundiários e empresas. Nesse sentido, a Comunidade Viva Deus através dessas articulações vai construindo um percurso de luta que tem se consolidado por meio da práxis e dos fazeres diários.

No que diz respeito à prestação de serviços do Estado para com as comunidades tradicionais, o que já não é efetivo no nosso país, verificamos que na Comunidade Viva Deus, mesmo que os sujeitos exijam e reivindiquem, eles possuem liberdade de autogestão, não esperando apenas pelo Estado. Todas as suas pautas são organizadas a partir das reuniões mensais da Associação de Agricultores Rurais, que centra seu foco em estratégias de permanência no território. Uma dessas estratégias é o compromisso na formação/constituição política, temática que abordaremos mais à frente no texto.

2. DOS FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA A CAMINHADA NA COMUNIDADE

VIVA DEUS

O presente capítulo trata sobre as bases teóricas que utilizo ao longo do trabalho, a partir de Paulo Freire (1967, 1981, 1986, 1987, 1989), Barroso (2015), Hilário (2010), Brandão (1986), Gadotti (2000), onde dialogam com autores que tratam a Educação Popular e a Educação de Jovens e Adultos a partir de uma perspectiva conscientizadora, tendo em vista buscam não somente a alfabetização, mas a formação humana integral, a fim de atingir processos de Constituição Humana. Tais explicações, também, são feitas partir da minha experiência praxica vivenciada na Comunidade Viva Deus, centrando os processos educativos na valorização dos sujeitos no que se refere à luta e à constituição de cada um enquanto sujeitos políticos que são. Trata-se de uma Educação construída com os sujeitos, e não para os sujeitos.

2.1. Contextualizando a Caminhada da Educação Popular

Historicamente, é no seio de movimentos populares que surge uma Educação voltada, realmente, para a transformação social e cultural, pois é nesses grupos que se sente uma maior necessidade de mudança do que nos é imposto, bem como de questionamentos ao que está instituído. Tudo isso se manifesta na intenção de fazer surgir uma Educação voltada para as classes populares.

Conforme Freire (1987), a análise crítica de uma dimensão significativa existencial possibilita aos indivíduos uma nova postura, também crítica, em face das situações-limite. Desse modo, depreende-se que todo o processo educativo juntamente à alfabetização, configuram um artifício para a formação política dos sujeitos, para que eles possam identificar situações sociais antes naturalizadas, como resultado de todo um processo histórico herdado pelo nosso próprio processo colonizador.

Nesse sentido, podemos afirmar que o projeto pedagógico de Freire possui como principal objetivo a análise crítica da realidade opressora. A educação libertadora preocupa-se não somente com a escolarização, mas também com a politização dos indivíduos para que possam superar a visão fatalista da realidade, como por exemplo, a de que o capitalismo é insuperável.

A percepção ingênua ou mágica da realidade da qual resultava a postura fatalista cede seu lugar a uma percepção que é capaz de perceber-se. E porque é capaz de perceber-se enquanto percebe a realidade que lhe parecia em si inexorável, é capaz de objetivá-la. (...) O fatalismo cede, então, seu lugar ao ímpeto de transformação e busca, de que os homens se sentem sujeitos. (FREIRE, 1987, p. 43).

A saída do ser humano de uma consciência ingênua para uma consciência transformadora manifesta-se por meio de seu lugar de fala e a apropriação da palavra própria pelo sujeito, características marcantes na obra de Paulo Freire. Nesse sentido, o papel da palavra possui uma relação direta com o lugar que o discurso ocupa em espaços democráticos. Freire (1987), afirma que a palavra não pode ser um recurso usado apenas por um homem ou por alguns, mas por todos. Quer dizer, a palavra é um direito de todos.

Nesse sentido, não há como haver libertação dos oprimidos sem a democratização do direito à palavra, que, dita conforme o próprio modo que o sujeito tem de enxergar a realidade, possui o mesmo sentido de emitir a palavra a partir do lugar de fala. A emergência que os autores pós-coloniais veem em mudar o lugar de fala – sob o qual foi construído a partir de discursos hegemônicos -, representa a mesma preocupação que Freire tinha de que a palavra não fosse roubada dos sujeitos oprimidos, pois é um “recurso” importantíssimo para a superação dessa condição. Nesse sentido, conforme Freire:

Se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra dos demais. (FREIRE, 1987, p. 44).

Nessa perspectiva, a educação em Freire, só é significativa quando é respeitado o ponto de vista do educando, superando assim, a concepção do professor como detentor do conhecimento. A construção de saberes que o educando já tem, deve ser preservada pelo professor no momento da construção do conhecimento. Todavia, objetiva-se, nesse modo de educar, trazer uma realidade cada vez mais próxima e inteligível a quem está aprendendo, evitando a imposição de conteúdos repassados com base noutra realidade, que não a do educando.

Assim, superar a educação bancária, onde há somente um repasse de conteúdos descontextualizados, assemelha-se à proposta de descolonização epistêmica³. Dessa maneira, a Educação como um todo, deve estar sempre atenta ao saber de diferentes grupos sociais, e, dentre eles, o saber popular construído nas vivências e nas práticas diárias de sujeitos, que, por vezes, tiveram seus direitos historicamente negados, principalmente o da escolarização. Portanto, considerar os saberes populares é compreendê-los para além do modelo tradicional de ciências, pois caso contrário, não há Educação para emancipação humana⁴, mas apenas subordinação ao sistema hegemônico, que só age em favor dos próprios interesses.

Um aspecto convergente entre Pedagogia do Oprimido, bem como toda a obra Freireana e a literatura pós-colonial é a ênfase que se dá à produção do saber na área em que o intelectual investiga. Ambas as perspectivas priorizam as categorias de compreensões sobre os saberes próprios do povo que está sendo estudado, para que se construa um conhecimento juntamente à eles e para eles. Aqui, não existe imposição.

A metodologia freireana exige, por isto mesmo, que no fluxo da investigação, se façam ambos os sujeitos da mesma – os investigadores e os homens do povo que, aparentemente seriam seu “objeto”.

Vale frisar que as perspectivas aqui defendidas, servem, acima de tudo, para desvelar o quanto o nosso pensamento pode estar adequado ao sistema hegemônico de produção do conhecimento, bem como os nossos critérios de julgamento. Problematizar o processo assimétrico de produção do saber, bem como o lugar subalterno que os países tidos como subdesenvolvidos ocupam nas Ciências Sociais ou na Educação, deve ser sempre considerado, pois, só assim, podemos produzir com base em categorias de pensamento reais que busquem de fato a formação/constituição humana para a superação da condição de oprimido, evitando, assim, a subordinação.

³ A descolonização epistêmica diz respeito ao reconhecimento de diversas formas de produção do saber, a partir da “necessária reavaliação das intervenções e relações concretas na sociedade e na natureza que os diferentes conhecimentos proporcionam”. (SANTOS, 2010, p. 60)

⁴ Em Freire, a Emancipação Humana se expressa numa conquista política, onde só pode ser exercida na própria práxis humana a partir da luta em busca da libertação humana que se dão por meio de práticas libertadoras.

Todas as reflexões aqui contidas buscam afirmar que não existe apenas uma única forma de compreensão do mundo. A epistemologia deve estar sempre a serviço da emancipação humana do sujeito a que se destina. Esse é o ideal de Educação compreendido aqui. Compreender essas questões implica em reconhecer que o contexto latino-americano em que vivemos, está permeado por muita exploração e dominação, marcadas por todo um processo histórico de colonização.

Em relação ao trabalho educativo realizado na Comunidade Viva Deus é desenvolvido com base em suas próprias construções de luta e resistência cotidianas, que estão focados na fixação da terra, diante da constante tensão e dos constantes conflitos existentes com empresas locais, como por exemplo, a Suzano papel e celulose⁵, que deseja se apropriar da terra para benefício próprio. Para as empresas, as famílias existentes na área do acampamento são meras “pedras no sapato”, ou, muitas vezes nem isso.

Entretanto, o trabalho realizado por nós a partir da metodologia prática freireana, visa exatamente servir de apoio para que os sujeitos continuem resistindo na luta e não abram mão do território em que vivem, trabalham, estudam, se confraternizam, criaram seus lares, e que é sagrado. Portanto, não pode haver dinheiro que compre.

A obra *Pedagogia do oprimido*, nessa perspectiva, apresenta exemplos de inúmeros problemas, sobretudo sociais, que Freire determina ser comum em toda América Latina, como por exemplo, o fato de os oprimidos estarem submetidos a uma estrutura opressora “é fruto de uma situação histórica e sociológica e não um traço essencial da forma do povo” (FREIRE, 1987, p. 27), pois a sociedade tende a naturalizar a desigualdade social. Desse modo, a obra de Freire, também, existe para desvelar a estrutura de dominação existente, exercida através do sistema capitalista de produção.

⁵ Suzano Papel e Celulose é uma empresa brasileira de papel e celulose, sendo a maior produtora global de celulose de eucalipto e uma das 10 maiores de celulose de mercado, além de líder mundial no mercado de papel. No entanto, com a monocultura do eucalipto, a empresa provoca uma série de prejuízos sociais e ambientais nas regiões em que está presente, onde seus projetos vem destruindo a Mata Atlântica, a seca de muitas nascentes, afluentes e rios, bem como despeja restos químicos nos rios de que utiliza a água, que, na maioria dos casos, o volume utilizado é maior do que o permitido.

A predominância do raciocínio dialético também é um forte elemento na obra de Freire. A Dialética Hegeliana funciona da seguinte forma: pode haver o debate de ideias variadas, onde a junção de todos esses pensamentos origina uma nova ideia, que, por sua vez, pode ser contrariada, gerando assim, um novo conceito. Nessa perspectiva, a mente não é estática, sempre está em constante transformação e age de acordo com o modo que vivemos e vemos o mundo. As ideias postas em debate, mesmo que distintas, acabam se complementando. Tais mudanças acabam desenvolvendo novas categorias que também irão conduzir como podemos viver no mundo.

Esse movimento do conhecimento ao qual tratamos, faz com que a produção intelectual de um povo seja baseada sempre no real, resultando num conhecimento contextualizado. O raciocínio dialético aplica-se a todos os campos e transições do real, indo desde a produção do conhecimento até os acontecimentos históricos a que se sucede. A esses momentos, dá-se o nome de tese – antítese – síntese, ocorrendo em forma de espiral que nunca se conclui, não sendo um movimento linear, como costumam tratar a formação do conhecimento. Assim, Freire e seus sucessores, possuem a preocupação de produzir um conhecimento contextualizado e que é construído nas vivências diárias dos seres humanos.

Freire afirma (1987, p. 21): “ao fazer-se opressora, a realidade implica a existência dos que oprimem e dos que são oprimidos”. Ambos os lados, coexistem no universo da contradição. A contradição a que nos referimos está presente no momento em que o oprimido toma para si elementos do opressor e acaba os internalizando por meio da socialização⁶. Um exemplo que pode ser citado na perspectiva da legitimação do opressor é a de que o patrão será sempre superior e inquestionável e o modelo ideal de homem é conseguir se tornar patrão por meio de seus próprios esforços. Assim, afirma o autor:

Há, por outro lado, em certo momento da experiência existencial dos oprimidos uma irresistível atração pelo opressor. Pelos seus padrões de vida. Participar destes padrões constitui uma incontida aspiração. Na sua alienação querem, a todo custo, parecer com o opressor. Imitá-lo. Segui-lo. (FREIRE, 1987, p. 28).

⁶ Socialização é o processo pelo qual o sujeito assimila os elementos próprios da cultura a que pertence, tornando-se, assim, membro de um determinado grupo social.

Também, nessa perspectiva, Freire faz inferência a outro processo, denomina “invasão cultural”. Esta, definida,

Como manifestação da conquista a invasão cultural conduz à inautenticidade do ser dos invadidos. O seu programa responde ao quadro valorativo de seus atores, a seus padrões, a suas finalidades (...). Uma condição básica ao êxito da invasão cultural é o conhecimento por parte dos invadidos de sua inferioridade intrínseca. (...) quanto mais se acentua a invasão, alienando o ser da cultura e o ser dos invadidos, mais estes quererão parecer com aqueles: andar como aqueles, vestir à sua maneira, falar a seu modo. (FREIRE, 1987, p. 86 – 87).

Desse modo, nota-se também, os “mitos” reproduzidos aos oprimidos através de um meio de Educação, que Freire denomina “bancária”. Assim, afirma:

Não é de se estranhar, pois, que nesta visão “bancária” da educação, os homens sejam vistos como seres da adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos. Quanto mais se lhes imponha passividade, tanto mais ingenuamente, em lugar de transformar, tendem a adaptar-se ao mundo, à realidade parcializada nos depósitos recebidos. Na medida em que esta visão bancária anula o poder criador dos educandos ou o minimiza, estimulando sua ingenuidade e não sua criticidade satisfaz aos interesses dos opressores (...). (FREIRE, 1987, p. 34).

Nesse sentido, ter uma educação bancária é a chave para que o *status quo* da classe opressora seja mantido e que permaneçam enquanto um sistema hegemônico. Entretanto, tais mitos são desconstruídos na obra *Pedagogia do Oprimido*, ou seja:

O mito, por exemplo, de que a ordem opressora é uma ordem de liberdade. De que todos são livres para trabalhar onde queiram. Se não lhes agrada o patrão, podem deixá-lo e procurar outro emprego. O mito de que todos, bastando não ser preguiçosos, podem chegar a ser empresários – mais ainda, o mito de que o homem que vende, pelas ruas, gritando: “doce de banana e goiaba” é um empresário tal qual o dono de uma grande fábrica. O mito do direito de todos à educação, quando o número de brasileiros que chegam às escolas primárias do país e o dos que conseguem nela permanecer é irrisório. O mito da igualdade de classe, quando o “sabe com quem está falando?” ainda é uma pergunta dos nossos dias. O mito do heroísmo das classes opressoras, como mantenedoras da ordem que encarna a “civilização ocidental e cristã”, que elas defendem a “barbárie materialista”. O mito de sua caridade, de sua generosidade, quando o que fazem, enquanto classe é assistencialismo, que se desdobra no mito da falsa ajuda que, no plano das nações, mereceu segura advertência de João XXIII. O mito de que as elites dominadoras, “no reconhecimento de seus deveres”, são as promotoras do povo, devendo este, num gesto de gratidão, aceitar a sua palavra e conformar-se com ela. O mito da propriedade privada, como fundamento do desenvolvimento da pessoa humana, desde, porém, que pessoas humanas sejam apenas os opressores. O mito da operosidade dos opressores e o da preguiça e desonestidade dos oprimidos. O mito da inferioridade “ontológica” destes e o da superioridade daqueles. (FREIRE, 1987, p.79).

Desse modo, com base nos pressupostos de Paulo Freire apontados anteriormente, as temáticas de Educação Popular e da Educação de Jovens e Adultos, a qual a Comunidade Viva Deus vivencia na prática, bem como o processo de a formação/constituição política da Comunidade, sempre parte de um exame crítico da realidade existencial dos sujeitos, tendo em vista buscar alternativas de superação dos problemas ocorrente, com base em uma consciência crítica.

A conscientização em Freire (1979, p. 15) é “o teste do ambiente, da realidade”, constitui um “apoderar-se da realidade”. Essa conscientização constitui um compromisso social e histórico do homem com a sua própria realidade, ou seja, ninguém é mais responsável por superar o contexto vivido mais do que ele mesmo.

Ainda para o autor, a conscientização é o aprofundamento da tomada de consciência [...] (ibdem). Significa que, com a apropriação de uma consciência crítica, criamos também uma forma crítica de abordar o mundo.

2.2. Da Caminhada da Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos na Comunidade Viva Deus

A Educação de iniciativa popular a que me proponho discutir refere-se a processos não institucionalizados, sem qualquer vínculo com o Estado ou políticas públicas. Baseia-se no saber da Comunidade, em que trabalhamos de uma forma dialógica, visando a emancipação humana e política dos sujeitos participantes.

A partir dos escritos de Freire (1967, 1981, 1986, 1987, 1989), depreendo que a Educação Popular é um “modelo” de educação que se comporta como uma estratégia de construção da participação de pessoas com interesses e objetivos comuns de aprendizagem. Nesse sentido, damos importância ao método freireano, quanto a construção da palavra geradora, que se expressa por meio da vivência cotidiana das situações, problemas e desafios da Comunidade, bem como de outros espaços de Educação Popular. A educação/alfabetização por meio da palavra geradora, sempre objetiva a participação dos sujeitos em espaços democráticos exercitando a “voz”, “vez” e “decisão”.

Com isso, o educador popular não se constitui como um transmissor de informações descontextualizadas da realidade dos sujeitos com quem atua, tão

pouco, se restringe a um facilitador de aprendizagens. Um educador popular é um sujeito que privilegia o movimento dialógico e dialético do processo de ensino e de aprendizagem, tendo em vista uma formação crítica, reflexiva que, articula-se à ação, torna-se práxis. (FREIRE, 1987).

Segundo Brandão (1986), os educadores pensam a educação em domínios restritos: a universidade, o ensino fundamental, o ensino médio, a alfabetização, a educação de jovens e adultos. Ou seja, em seu contexto geral, a educação fica restrita a critérios determinados socialmente, quando deveriam atender às necessidades do contexto, do cotidiano do aluno, enfim, da cultura do educando. Para pensar em Educação Popular, é necessário, portanto, repensar a educação e suas restrições.

Em relação a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino direcionada a pessoas, que por uma série de fatores, não puderam freqüentar a escola no tempo considerado “correto”, e, portanto, é uma forma dos sujeitos que tiveram seus direitos historicamente negados terem uma forma de acessar a Educação e escolarização.

Segundo Ribeiro (2001), a alfabetização/educação de jovens e adultos é uma prática de caráter político, pois se destina a corrigir ou resolver uma situação de exclusão, que na maioria das vezes faz parte de um quadro de marginalização maior. Assim, pensar nessa modalidade da Educação é refletir sobre o pensamento de Paulo Freire, pois suas concepções estão voltadas para os oprimidos e excluídos sócio-educacionalmente, por isso dar ênfase no processo de conscientização política, por meio da alfabetização de Jovens e Adultos, compreendendo que a leitura de mundo antecede a leitura da palavra, pois o ser humano é sujeito de experiências imerso em uma cultura.

A Educação para formação/constituição de um sujeito politizado deve levar em consideração o contexto social deste, no que tange o movimento e mudanças culturais. No panorama individual, a educação deve considerar a relação de trocas de saberes e experiências, realizando a passagem da natureza à cultura. (BRANDÃO, 1986).

Tanto a Educação de Jovens e Adultos, quando a Educação Popular buscam priorizar os saberes próprios do grupo social em que estão inseridos, no

nosso caso um “acampamento de sem terra”, a Comunidade Viva Deus. Assim, conforme Freire (1989), todo trabalho político-pedagógico é feito a partir da própria realidade cultural da Comunidade, em que um conjunto de elementos contribui para o desenvolvimento dos sujeitos moradores, bem como para a transformação da própria Comunidade.

A participação comunitária, a dialogicidade e a participação em espaços democráticos de decisão são prioridades do trabalho educativo realizado na Comunidade Viva Deus, objetivando organizar/sistematizar o as ações políticopedagógicas para alcançar, nos sujeitos, processos de conscientização e constituição humana para que continuem resistindo na luta pela fixação da terra.

O processo de aprendizagem, como foi dito anteriormente, é alcançado por meio da metodologia freireana a partir de palavras geradoras do cotidiano dos próprios sujeitos, efetivando o real compromisso da Educação, o de ser um veículo para a transformação social. Nesse sentido, o resultado do processo pode ser observado na medida em que o sujeito, enquanto ser político que é, reconhecer o lugar que ocupa na sociedade, situando-se em seu contexto de interesse.

Enquanto definição teórico-metodológica é importante frisar que a metodologia da Educação popular, com base em Freire, pode ser trabalhada em qualquer contexto, tanto no campo quanto na cidade. No entanto, como fazemos parte de um movimento popular presente no campo, também, pode ser definida como uma metodologia trabalhada na Educação Popular no Campo.

2.3. Da Caminhada para a Conscientização e Constituição Humana

A conscientização a que nos referimos nessa discussão, diz respeito à construção e tomada de consciência a partir do método alfabetizador de Paulo Freire, que consiste numa metodologia pedagógica que busca possibilitar ao ser humano reconhecer que é um sujeito político responsável pelo contexto em que ele está inserido, contexto esse marcado por um processo em que ele vai se manifestando, se configurando e se redescobrimdo.

Em outras palavras, a conscientização do sujeito, na dimensão educativa traduz o processo de construção do “autoconhecimento humano” diante dos outros

seres sociais que estão enraizados em seu contexto sob determinadas condições espaciais e temporais ou histórico-culturais. Isto leva a definir a posição que estes ocupam na sociedade, que, para os sujeitos dessa pesquisa, é vista como desigual e hierárquica.

Partir de uma perspectiva educativa, possibilitadora de tomada de consciência humana é uma ação essencial para que o homem “capte a realidade nas relações dialéticas que se processam entre ele e o mundo” (trecho retirado de uma conferência de Freire em Roma, em 1970). A essa tomada de consciência, o autor afirma ser o primeiro nível de apreensão da realidade, que, para ele ainda não corresponde à Conscientização, a qual para ser alcançada necessita ocorrer um aprofundamento da tomada de consciência. Conscientização, para ele, é “o desenvolvimento crítico da tomada de consciência”, pois é um processo que:

Implica a superação da esfera espontânea de apreensão da realidade para uma esfera crítica, em que a realidade se dá agora como um objeto cognoscível, em que o homem assume uma posição epistemológica. A conscientização, assim, é um teste de realidade. (FREIRE, 1970, p. 15).

Desse modo, a reflexão se torna um processo intrínseco ao ser humano, gira em torno do próprio lugar em que ele ocupa no mundo e é equivalente à sua própria condição de existir enquanto um ser político.

A constituição humana a que me proponho a compreender parte da práxis educativa como elemento essencial para a construção da genuína liberdade do ser humano, liberdade essa que não é alcançada somente através de transformações no âmbito da Educação, mas deve passar, a priori, por uma revolução social.

Nesse sentido, abordo a compreensão de libertação na perspectiva marxista de libertação que reconhece os sujeitos como históricos, políticos, e que, num processo dialético, se faz e refaz a partir do trabalho enquanto uma categoria que define o ser social que vive em comunidade. Ou seja,

A libertação, (...), é um ato histórico, não um ato mental. (...). A transformação, através da divisão do trabalho, dos poderes (relações) pessoas em poderes materiais não pode ser dissipada descartando-se da mente a ideia que se tem dela, mas só pode ser abolida pelos indivíduos quando novamente sujeitam estes poderes materiais a si mesmos e abolem a divisão do trabalho. Isso não é possível sem a comunidade. Somente dentro da comunidade cada indivíduo possui os meios para cultivar seus dons em todas as direções; por isso, a liberdade pessoal só se torna possível dentro da comunidade. (...) na comunidade real, os

indivíduos obtêm sua liberdade por meio de sua associação. (MARX apud MÉSZÁROS, 2004).

Para Barroso (2015), a constituição do sujeito se processa por meio das relações dialógicas e das práticas sociais nos espaços que atua como sujeito de aprendizagem, dando importância aos aspectos dialógicos das relações estabelecidas no contexto histórico-cultural do educando. Portanto, ela ocorre no espaço social em que atua. Ou seja, aqui, a compreensão sobre a constituição humana parte do princípio de que:

A ação do ser humano ao mesmo tempo que transformou a natureza por meio da utilização de instrumentos e signos, também transformou a sua própria natureza - humana - saindo de uma condição puramente biológica (animal) para um desenvolvimento como ser social, pois como afirma Leontiev: F. Engels, ao mesmo tempo que apoiou a ideia da origem animal do homem, demonstrou que este, diferenciando-se profundamente dos seus antecessores animais, se humanizou ao passar pela vida social, baseada no trabalho; que este passo transformou a sua natureza e estabeleceu o início do desenvolvimento, que, ao contrário dos animais, não se determina já por leis biológicas, mas pelas novas leis do desenvolvimento social histórico. (LEONTIEV, 1980a, p. 39-40, apud, BARROSO, 2015).

Desse modo, o ser humano somente se constitui existencial e criticamente vivendo com os outros, em comunidade. E ainda, entendemos que o eixo fundamental dos processos de constituição humana está presente no processo contraditório das relações sociais por meio das experiências que os sujeitos vivenciam uns com os outros e com a realidade que estão inseridos. É pois, por meio de processos experienciais que ele irá aprender e se desenvolver enquanto um sujeito político e social.

Na Comunidade Viva Deus, é possível encontrar diversas leituras dos sujeitos sobre as experiências que vivenciam e o que para eles foi significativo ter aprendido. Percebo, por meio das discussões e do círculo de cultura que uma das maiores aprendizagens é a de que necessitam plantar para avançar na fixação do território. Além disso, estão se constituindo como sujeitos proativos na realização de seus objetivos, sobre aquilo que devem construir a cada dia. Assim, são construídos laços de solidariedade uns com os outros, compreendendo que precisam estar unidos para poder avançar.

3. DA DEFINIÇÃO E CAMINHADA METODOLÓGICA

A metodologia adotada para o desenvolvimento da pesquisa encontra-se ancorada na perspectiva qualitativa de investigação, tendo em vista que o objetivo é apresentar os resultados das experiências práticas acerca da educação de iniciativa popular, partindo da experiência da Alfabetização e formação/constituição política de Jovens e adultos da Comunidade Viva Deus (lócus de investigação da presente pesquisa), dando relevância aos aspectos dialógicos das relações estabelecidas no próprio contexto dos educandos, uma vez que toda a formação/constituição é realizada através da perspectiva freireana, com base na própria vivência da Comunidade.

Partindo do pressuposto de que o embasamento metodológico da pesquisa é dado pelo próprio recorte desta, ou seja, a investigação sobre “A constituição de uma consciência humana na Educação Popular da Comunidade Viva Deus”, busco qualitativamente, apresentar resposta aos objetivos propostos. Assim, posso afirmar que a natureza da presente temática necessita de uma perspectiva que contemple o saber popular, saber esse tão negligenciado pelo modelo tradicional de ciência.

Desse modo, objetivando contemplar nossas categorias de análise, nos utilizamos dos pressupostos metodológicos e epistemológicos de Paulo Freire, tendo em vista que não há como falar em Educação Popular sem mencioná-lo, e tal perspectiva num primeiro momento nos direciona a ter um contato informal com a comunidade em questão, para se ter uma noção da realidade dos sujeitos e da sua dinâmica social, pois se fizermos o movimento inverso, primeiro teoria e depois prática, corremos o risco de entrar em contradição com a nossa proposta, que é construir com os sujeitos e não para os sujeitos, e acabar sendo impositivos.

Nessa perspectiva, o trabalho empírico é apresentado de acordo com a perspectiva prática freireana trabalhada, tendo em vista que o sujeito prático, conforme Jacques Delors (1998), é ser humano que sabe ser, sabe estar, sabe fazer, sabe comunicar, sabe compartilhar e desenvolver uma cultura da paz. É humano educado para transcender em busca do sonho que comanda e faz pulsar a vida. Nesse propósito, os relatos de campo aqui apresentados, dizem respeito

às problemáticas vividas na Comunidade Viva Deus, e a partir disso, são propostos encaminhamentos para possíveis resoluções.

3.2. Dos Instrumentos e Procedimentos Metodológicos

Apresento as definições dos instrumentos e procedimentos metodológicos trabalhados em campo com os sujeitos participantes da pesquisa e do “Projeto Escola Comunidade Viva Deus”. Um denominado *círculo de cultura*, e o outro *situação-problema-desafio*, ambos relatados e registrados nos diários de bordo. Assim, o *Círculo de Cultura*, para Freire (1989) é uma prática na qual instituíamos debates de grupo, ora em busca do esclarecimento de situações, ora em busca de ação da mesma, decorrente do esclarecimento das situações.

Ainda, de acordo com a obra freireana, o *círculo de cultura* se expressa numa ideia que substitui a alfabetização formal em sala de aula. A nomenclatura de círculo se dá porque todos os participantes formam a figura geométrica de um círculo, numa disposição em que todos possam se olhar e se ver. Chamamos cultura por conta de uma interação que há entre a realidade vivida e seus participantes. Conforme o autor, no círculo de cultura o homem “vai dominando a realidade. Vai humanizando-

a. Vai acrescentando a ela algo que ele mesmo é fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura.” (FREIRE, 2003, p. 51).

É nesse *círculo de cultura* que a Comunidade se identifica em um primeiro momento, com uma apresentação de seus nomes, se foi à escola ou não, dentre outras informações essenciais. E logo depois, expressam as necessidades e problemas frequentes, que denominamos situações-problemas-desafios, que são levantadas nos ciclos, tendo em vista que esse método permite que se trabalhe de forma dialógica, sobre os saberes e questões cotidianas, levantadas e escolhidas pelos próprios sujeitos da comunidade para o processo de formação/constituição. O desenvolvimento do procedimento *da situação-problema-desafio* se dá, para Reis e Rios (2010):

Após a discussão-debate em sala de aula e escolha da dificuldade ou problema, mais premente, há uma reunião de todos os alfabetizandos e alfabetizandas (Fórum ou Encontros de Desenvolvimento Coletivo e Aprendizagem Mútua), (...), argumentando o porquê da escolha de uma

determinada dificuldade ou problema. Ao fim, tem-se uma votação e se escolhe uma ou mais dificuldades ou problemas, que vão se constituir no eixo de orientação e desdobramentos dos encontros entre alfabetizadores(as) e alfabetizados(as).

Ainda, quanto as *situações-problemas-desafios*, segundo Barroso (2015), podem ser de natureza política, econômica, cultural, do trabalho, da relação cognição-afeto, ou seja, situação de sobrevivência que os alfabetizados(as), ou moradores da Comunidade enfrentam no cotidiano, e que podem ser trabalhados, a partir da palavra geradora, com a produção do texto coletivo, tendo em vista a busca de alternativas para superação dos problemas apresentados.

Nesse sentido, com base no ciclo de cultura e também na situação-problema-desafio mais premente colocado pelo grupo, a alfabetização/formação/constituição política do sujeito foi desenvolvido de forma contextualizada, conforme a realidade de vida dos participantes, por meio, também, produção do texto coletivo. Tal produção consiste na elaboração, primeiramente, oral e depois escrita sobre o tema (*situação-problema-desafio*) levantado.

A partir do texto construído coletivamente pelos sujeitos, o processo de alfabetização pode ser desenvolvido, tendo como referência o próprio texto, a sonorização das palavras, o reconhecimento de sílabas e letras no contexto do tecido textual. Para auxiliar no processo de construção do texto coletivo também, são utilizados recursos visuais, ou seja, imagens fotográficas, leitura imagética, vídeos, revistas, jornais, e materiais didáticos apropriados à realidade da Comunidade e dos sujeitos.

É por meio dos instrumentos e procedimentos metodológicos, do *círculo de cultura e situações-problemas-desafios*, que nos comunicamos pedagogicamente em grupo, bem como, para desenvolvermos nosso processo de formação/constituição política, o qual é pautado no próprio universo do cotidiano vivido em comunidade. Essa perspectiva metodológica, nos dar suporte para lidar com as questões em grupo, e assim, promover os processos de alfabetização/formação dos sujeitos, porém não se constitui em fórmulas prontas para aprendizagem ou conteúdos. Tudo é construído em coletivo na comunidade e para a comunidade.

Desse modo, o trabalho realizado na Comunidade é estruturado de maneira processual, pois, inicialmente, o *círculo de cultura* atua como um meio para Comunidade socializar suas experiências, demandas, anseios, sejam eles de qualquer natureza. O *círculo* de cultura ocorre todas as quartas-feiras na Comunidade, e, nesse processo, todos apresentam suas dificuldades que elegeram ser relevante e podem ser expostas na coletividade, pois estamos trabalhando com uma perspectiva comunitária. Assim, a problemática comum a todos, mais premente, é a situação-problema-desafio, a qual é trabalhada e tem seus desdobramentos com os sujeitos através da escolha da palavra mais enfática entre o grupo, ou seja:

São situações-problemas-desafios [ver REIS,2000], que se tornam textos de referência, uma das formas de despertar e desenvolver com o alfabetizando a participação na vida da comunidade e da escola (REIS & RIOS, manuscrito, p.15). Nesse sentido, a relação dialógica constituída com a convivência, ou seja, com as trocas de experiências, as hipóteses e questões construídas, os problemas e as necessidades, bem como os desejos individuais e coletivos, colaboram para o desenvolvimento de uma responsabilidade mútua entre as alfabetizadas (as) e alfabetizadoras(es), de modo que se torna possível alcançar uma emancipação, mesmo com a presença de estruturas sociais de poder ou seja, por meio da relação dialógica é possível romper barreiras e encontrar soluções, é possível constituir um sujeito que acolhe e é acolhido, “que se abre, exercita o falarpensar/sentir tendo prazer de aprender, desenvolver, vontade de continuar aprendendo, buscar saber mais”. (REIS, 2011, p. 153-155).

A metodologia da *situação-problema-desafio* é o meio com que os sujeitos moradores, da Comunidade Viva Deus enfrentam as situações de conflitos, surgidas no processo de luta pela terra, tanto no âmbito existencial quanto coletivo, visto que estes sujeitos se deparam com os mais diversos enfrentamentos. Para eles, o maior desafio que enfrentam é permanecer e resistir no território ocupado, pois estão lá há mais de 15 anos. São pessoas, em sua maioria, idosas. Além disso, a Comunidade, ainda não é autossustentável. A produção de elementos agrícolas desenvolveu-se com mais determinação e intensidade após o incentivo e colaboração do “Projeto Escola Comunidade Viva Deus” com o GEPEEEP/UFMA.

Dessa maneira, nossa metodologia visa desenvolver a aprendizagem e a formação política enquanto uma prática social, uma vez que os sujeitos são produtores e reprodutores do espaço social em que estão inseridos, meio esse

que não pode estar dissociado da Educação. A preocupação em construir um processo de ensino de maneira coletiva, contextualizada com os meios de vida de quem vive no campo e que priorize as demandas da Comunidade, é central no trabalho pedagógico do Projeto Escola realizado na e com a Comunidade Viva Deus. Em outras palavras, prezamos pela constituição do sujeito enquanto um ser político, pois suas demandas e vivências são de ordem social, educacional, mas também e política.

4. RESULTADOS E ANÁLISES DOS DADOS

No processo de ensino e aprendizagem, bem como nas necessidades prementes apresentadas pela Comunidade Viva Deus, necessidades essas relacionadas a sobrevivência e território, os sujeitos, a partir das discussões do círculo de cultura, elegem a *situação-problema-desafio* e a partir dessa problemática é construída uma palavra geradora, a qual dá a diretriz para alfabetização e formação/constituição política da Comunidade.

Nesse sentido, com base no procedimento de ensino da palavra geradora a partir da situação-problema-desafio e do círculo de cultura, obtivemos questões relacionadas em como manter a resistência na luta pela emissão da posse da terra. No âmbito pedagógico isso é trabalhado de modo que os educandos elaborem um texto produzido coletivamente com base nas questões discutidas que também é escrito no quadro sob letra de forma para que inclusive os que estão em processo de alfabetização tenham mais facilidade em compreender o que está sendo exposto. Dessa forma, o texto é construído primeiramente enquanto uma elaboração oral e posteriormente à construção da escrita. Conforme podemos observar na imagem abaixo:

Imagem II – Momento de Aprendizagem da Educação de Jovens e Adultos

FONTE: GEPEEE, 2017.

Enquanto uns sujeitos expressam a temeridade que sentem em relação aos empreendimentos locais que ameaçam a conquista da terra, a Suzano Papel e Celulose, outros já relatam preocupações relacionadas à Agricultura, o que cultivar, e, com base nisso, o texto produzido uniu essas duas situações, e que teve como resultado a palavra geradora *plantação*. O texto coletivo está descrito mais adiante, neste trabalho.

Com base na *situação-problema-desafio* e na palavra geradora, o trabalho pedagógico vai se realizando e ganhando significação no processo de aprendizagem dos educandos da Comunidade Viva Deus, tendo em vista que este trabalho parte, segundo Barroso (2015), da realidade dos sujeitos e de suas práticas sociais, cotidianas, as quais fazem parte de suas experiências de trabalho, de vida em comunidade.

Nesse sentido, o círculo de cultura, espaço em que o texto coletivo é produzido, apresenta o professor não como detentor de conhecimento, mas sim como mediador de ação, de tomada de consciência e de construção de conhecimento coletivo de acordo com as realidades próprias de cada sujeito inserido no campo ou nas periferias das grandes cidades, onde o professor tem interesse de conhecer e trocar saberes com a finalidade de construir e alfabetizar os adultos a partir do surgimento das palavras geradoras, dos diálogos e debates de assuntos corriqueiros da Comunidade. Desse modo, segundo a obra *Conceitos de Educação em Paulo Freire*:

A palavra geradora propicia a criação de novas palavras por meio de combinações silábicas, aplicada no método Paulo Freire de alfabetização de adultos. A palavra geradora advém do contexto dos estudantes. Constituiu-se como a unidade básica na organização do programa de atividades e na futura orientação dos debates nos “círculos de cultura”. As palavras escolhidas variam conforme o lugar, sendo recolhidas do meio e posteriormente selecionadas em número aproximado de dezessete. Dentre elas, as mais frequentes: eleição, voto, povo, governo, tijolo, enxada, panela cozinha. Cada uma dessas palavras é dividida em sílabas e reunidas em composições diferentes, formando novas palavras. Essa dinâmica caracteriza a dinâmica da ‘ação cultural’ (VASCONCELOS & BRITO, 2011, p. 147-148)

Dentro da perspectiva do círculo de cultura, tal palavra geradora nasce dos debates e das reflexões internas do grupo e atingirá o seu objetivo alvo: alfabetização dos jovens e adultos a partir do seu contexto social e local. A palavra geradora tem como objetivo emancipar o sujeito da sua condição de oprimido e avançando ainda mais no cognitivo do alfabetizando, bem como, compreender uma sociedade mais dinâmica em fase de transição. Tendo como pano de fundo, não somente o ensino e a aprendizagem a partir das palavras geradoras, mas como também promover uma tomada de consciência sobre a sociedade opressora.

A palavra geradora entra no momento riquíssimo para um exercício dialógico. Podendo ser útil, para além do processo da alfabetização do jovem

adulto e idoso. Transcendendo a dimensão educativa para o campo crítico e reflexivo da sociedade brasileira – ou seja, assumindo um papel social/político do sujeito para os outros da comunidade humana.

4.1. Minha Caminhada Prática:

O primeiro ciclo de cultura na Comunidade Viva Deus aconteceu no dia primeiro de novembro de 2016, onde estavam presentes nove participantes ao todo, entre esses estavam cinco membros da Associação de Produtores Rurais, em que três eram analfabetos e dois já alfabetizados, bem como quatro extensionistas do

“Projeto Escola Comunidade Viva Deus” da Universidade Federal do Maranhão/UFMA.

Dentre os não alfabetizados estavam o Antônio, que nunca frequentou a escola; a Tereza que cursou o primeiro ano do ensino fundamental e o Raimundo que também não frequentou a escola. Entre os já alfabetizados estavam o José Pedro que estudou até a quarta série do ensino fundamental e o Sílvio Sousa, presidente da Associação, que tem ensino médio e técnico completos. Esse primeiro momento girou em torno de apresentações, tanto dos membros da comunidade como também das professoras extensionistas do Projeto.

Na segunda visita à comunidade, que ocorreu no dia oito de novembro de 2016, começamos com o questionamento sobre as necessidades e problemas frequentes que a comunidade enfrenta. Eles destacaram como problemáticas o conflito com a empresa Suzano papel e celulose; a necessidade da plantação para afixação da terra e a obtenção de renda a partir dela. Além disso, demandas estruturais, como a necessidade de ter energia, água encanada e uma escola para a comunidade, dentre outras.

Com base nisso, através do círculo de cultura a qual nos norteamos, são discutidas situações vividas em comum pelo grupo, situações essas denominadas pelo Projeto⁷ como situações-problemas-desafios, e com base nisso, pudemos

⁷ Projeto de extensão: “A formação de alfabetizadores(as) da Educação de Jovens e Adultos da zona rural de Imperatriz/MA: “Projeto Comunidade Viva Deus”.

perceber a problemática mais frequente entre todos da Comunidade que os impedem de avançar tanto na formação/ alfabetização e enquanto unidade de uma luta popular: mobilidade entre a cidade e o campo, pois antes de serem sujeitos políticos que lutam por uma causa, essas pessoas precisam ganhar o sustento para manter os filhos, visto que o campo não tem propiciado a sobrevivência.

Alguns relataram trabalhar no “Mercadinho”, a feira mais famosa da cidade de Imperatriz, e mesmo comercializando produtos provenientes da agricultura, os sujeitos não podem plantar no território ocupado por conta de ameaças vindas da empresa Suzano Papel e Celulose, que se utiliza da desculpa da “imprudência” dos moradores para impedir que estes plantem, já que plantar é uma forma de fixação do território em que pretendem ser assentados.

Com base nessa situação-problema-desafio e a partir das perspectivas levantadas no dia, as discussões no círculo de cultura os encorajou para começar a plantar e os fez ter consciência de que para avançar necessitam disto, visto que é uma das formas que mais asseguram a terra, como já mencionado. E o mais importante: *plantar não é crime!*

Nesse sentido, buscando propor soluções através de encaminhamentos, foi proposto coletivamente que fossem iniciadas urgentemente as plantações, para que num futuro bem próximo, possam ser comercializadas na cidade, e a partir disso, foi discutido qual cultivo seria mais rentável, quais grãos germinam mais rápido e que ocupam menos espaço, tendo em vista que a linha de terra de cada um, é adaptável somente para o cultivo da Agricultura Familiar.

Outra problemática vivida na comunidade, que decorreu, entre outros fatores, da falta de informação sobre como proceder, foram as ameaças as quais eles foram submetidos pela Suzano Papel e Celulose de serem expropriados. Diante dessa situação, os moradores se sentem incapacitados de tomar qualquer tipo de providência, por acham que são pequenos diante da magnitude de uma empresa como a Suzano. Com o auxílio e a presença de um representante da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil do Maranhão, nos nossos *círculos de cultura*, pudemos, conjuntamente, informar a comunidade acerca de seus direitos e como poderiam proceder diante de uma situação como

essa, tendo em vista que são amparados pela Constituição Federal e podem dirigir uma denúncia ao Ministério Público. Assim, foi exatamente o que fizemos.

Por mais sério e absurdo que pareça, para nós, é claro que o INCRA impõe burocratizações à comunidade para a emissão de posse do assentamento, por conta da intervenção da empresa supracitada no parágrafo acima que possui interesse no território ocupado. A partir de tal interesse, vários ataques são destinados à comunidade, como por exemplo, envenenamento das plantações e a derrubada de barracos. Infelizmente tais práticas ainda ocorrem em pleno século XXI, onde o principal objetivo da hegemonia-aqui representada pela empresa é fragilizar a luta e fazer com que os sujeitos abandonem a terra o mais rápido possível. Movimento inverso do que o *círculo de cultura* faz.

Pondo o homem no centro de sua cultura e único responsável por pensar em soluções para seus problemas, o círculo de cultura ajuda os membros da comunidade a lidar com tais ataques, ataques esses que afetam o homem do campo que pertence a um movimento popular. Isso é constante no Brasil de hoje. É basicamente com os encaminhamentos do *círculo de cultura* que buscamos enfrentar e superar os problemas reais e práticas violentas vindas de um sistema opressor que não quer pessoas autônomas, e sim sempre submetidas ao sistema que nos é imposto.

Todas essas situações e problemáticas levantadas acima têm também o objetivo, no processo de formação, possibilitar a construção material didático por meio de um texto produzido coletivamente para a alfabetização dos educandos a partir da palavra geradora discutida e selecionada pela Comunidade junto ao Grupo de extensionistas. Ou seja, a palavra mais recorrente e dada como solução para o problema apresentado, que, no nosso caso, foi “plantação”. Com base na palavra geradora, o grupo não alfabetizado, mediados pelo ensino das professoras Betânia e Juliana, pôde conhecer e articular as letras e as sílabas formando novas palavras, extraídas da própria realidade e da própria vivência, pois como afirma Paulo Freire, não há como aprender em cima de um universo vocabular que não é o seu. É a leitura da palavra propiciando a leitura do mundo através da significação.

A fim de contemplar a formação/constituição política, por meio do processo educativo, dos sujeitos na Comunidade Viva Deus, nós trabalhamos com duas frentes de atuação: o grupo dos alfabetizados com a formação política e outro de não alfabetizados, que é integrado ao processo de alfabetização. Nesse sentido, após o relato acerca da problemática sobre a mobilidade entre a cidade e o campo, a necessidade do plantio para o sustento, nossa tarefa foi a de dar início ao processo de alfabetização do grupo dos não alfabetizados através da palavra geradora, pois não poderíamos prosseguir com o processo formativo sem detectar quais as maiores carências para sabermos com base em que iríamos dar início à alfabetização.

As duas frentes de formação constituem-se, um, através de processos de formação política no grupo dos sujeitos alfabetizados, e a outra, pelo processo voltado para a aprendizagem da leitura, para o grupo dos não alfabetizados. O grupo de formação política discute diversas questões sugeridas pela obra freireana, como por exemplo, a *Educação como Prática de Liberdade*, que gira em torno de questões como, o capital, a educação, a economia, a natureza, meio ambiente e diversas outras questões.

Tais discussões são feitas de modo que priorize a o método de Educação/Alfabetização de Jovens e Adultos, pois ela é sistematizada para dar significação ao letramento do outro grupo, ou seja, todo o material didático utilizado na alfabetização torna-se discussão, processual, feita pelo grupo de formação política. E ainda, esse grupo também aprende como alfabetizar por meio das leituras sobre o método freireano.

Por meio dessa metodologia conjunta, de alfabetizar e ser alfabetizado com base num material coletivo, objetivamos inserir os sujeitos não alfabetizados no próprio contexto político e social da sua realidade, impulsionando-os para a cidadania para que possam participar de espaços democráticos de “vez”, “voz” e “decisão”, visto que se trata de um processo de luta popular. É por meio do significado da dessa luta popular é quem criamos o material didático, fazendo com que a alfabetização não seja algo mecânico, ou de significação da aprendizagem baseada em “cartilha”, a qual não contempla o universo vocabular dos educandos. Pois, para Freire, o método de utilização de cartilhas - o mais utilizado na época

em que ele divulgou seus métodos de alfabetização-, traz palavras e textos infantilizados e sem conexão com a realidade de um adulto. Ou seja:

[...] tanto as palavras quanto os textos das cartilhas nada têm que ver com a experiência existencial dos alfabetizandos. E quando o tem, se esgota esta relação ao ser expressada de maneira paternalista, do que resulta serem tratados os adultos de uma forma que não ousamos sequer chamar de infantil. (FREIRE, 1981, p.12)

Na obra "Ação Cultural para Liberdade" (1981), o mesmo nos traz um exemplo do tipo de conteúdo que as cartilhas traziam:

A asa é da ave. Eva viu a uva. O galo canta. O cachorro ladra. Maria gosta dos animais. João cuida das árvores. O pai de Carlinhos se chama Antônio. Carlinhos é um menino bom, bem comportado e estudioso. Se você trabalha com martelo e prego, tenha cuidado para não furar o dedo. Pedro não sabia ler. Pedro vivia envergonhado. Um dia, Pedro foi à escola e se matriculou num curso noturno. A professora de Pedro era muito boa. Pedro agora já sabe ler, por isso, está feliz. Vejam a cara de Pedro. Pedro está sorrindo. Já tem um bom emprego. Todos devem seguir o seu exemplo. (FREIRE, 1981, p.37).

Desse modo, é claro perceber que as frases são apenas de repetição, como o que é dado na alfabetização de crianças, com um conteúdo ideológico fortíssimo, pois nos apresenta um modelo de sociedade onde, para ser bem-sucedido, basta aprender a ler, conseguir um bom emprego e ser feliz, dando exemplo para todos ao redor. Entretanto, devemos notar que é uma realidade onde apenas servimos de "massa de manobra" para o capitalismo enquanto modo de produção hegemônico.

De outro modo, por meio de nossa metodologia, e através do texto construído coletivamente com base nas situações-problemas-desafios, como já mencionado, o sujeito é levado a aprender por intermédio das palavras retiradas da própria realidade, assim sendo, nossa metodologia transcende padrões linguísticos, dado que propicia aos alfabetizandos se apropriarem da leitura e da escrita e acima de tudo, atingirem objetivos amplos: a politização. O ato de ler, nesse caso, está ligado à leitura de mundo e é adquirido por meio de uma discussão de experiências tidas no próprio grupo social do sujeito para aquisição da compreensão do mundo e da palavra escrita.

Nesses termos, ainda nas primeiras visitas à comunidade, logo após termos feito a identificação dos sujeitos e das problemáticas vividas em comunidade, nossa tarefa foi a de dar início ao processo de alfabetização do grupo dos não alfabetizados, através da palavra geradora. A nossa palavra geradora, como foi dito, é **plantação**. Assim, começamos com a apresentação das sílabas e vogais, seguindo a sequência das letras da nossa palavra geradora, no caso, nesse círculo de cultura iniciamos com a letra **P** e através dela formamos as sílabas **pa, pe, pi, po, pu** e as vogais **a, e, i, o, u**.

A partir disso, os alunos montaram um dicionário de palavras com a letra **P**. As palavras apresentadas por eles foram as seguintes: **peixe, pimenta, pimentão, panela, pipoca, pirulito, paçoca, Pedro, porco, Paulo, pescador, procurar, panelada, plantas, plano, parede, poeira, palmeira, povo, pau, popular, planilho, pote, prato, pato, pia, piano, piscina, pinto, pilão, pintura**. A partir disso, pedimos para que identificassem as sílabas no dicionário construído por eles. Começando por **pa**, depois **pe**, e assim por diante. Eles identificaram, repetiram e pronunciaram as palavras do dicionário e depois associaram essas palavras com a palavra geradora.

Já o grupo de formação política trabalhou na produção de material didático para o grupo dos não alfabetizados. Confeccionamos as sílabas em cartolinas, o **pa, pe, pi, po, pu/ la, le, li, lo, lu/ na, ne, ni, no, nu/ ta, te, ti, to, tu/ ra, re, ri, ro, ru** e também as vogais **a, e, i, o, u**. Esse material foi apresentado na aula, para que os alunos não alfabetizados tivessem contato com o material.

Outra interpretação que não fica somente presa ao gesto de introduzir a plantação na terra para tirar o alimento, é a que, plantar, especialmente nesse contexto, é o estímulo e a força de vontade para vencer na vida diante da opressão da sociedade que nega ou clandestiniza as identidades dos sujeitos, como meros, analfabetos e assentados que não sabem nem ler, escrever ou interpretar o mundo que os cerca. Nesse sentido, plantar remete esperança, vida nova no chão que traz vida. Traz sustento e força para lutar.

Imagem III – Visita à Colheita de Feijão de um Morador



FONTE: GEPEEE, 2017.

A possibilidade de ver e interpretar o mundo de uma forma mais reflexiva a partir da palavra geradora nos traz uma rede de associações no processo de ler, escrever e interpretar o mundo em que eles vivem e que construíram a partir da palavra “plantação”, além de provocar uma produção de saberes e conhecimentos novos, pois a partir dessa palavra, surgem outras.

Tendo como raiz a palavra “plantação” e as suas ramificações que são iniciadas com cada letra que compõe a palavra geradora: como por exemplo, “p” gera a palavra “pá” e “l” gera a palavra “laranja”; são exemplos de ramificações surgidas da palavra matriz e ambos estão associados ao mundo deles, ou seja, de estarem inclinados à prática de plantar um legume ou verdura na terra.

O método Paulo Freire, o qual nos norteamos parte da premissa de que a aprendizagem deve transcender a leitura da palavra para dar significação ao mundo. Vai além da simples e tradicional alfabetização que consiste apenas em codificar e decodificar. Visto isso, nós enquanto grupo, em certos momentos, sentimos a necessidade de reafirmar o nosso modo de trabalho de alfabetização em processo continuado, para que a Comunidade construa autonomia para o próprio processo educativo/alfabetizador.

A necessidade de reafirmação do nosso modo de trabalho apresentada no parágrafo supracitado, se dá por meio do fato de os sujeitos estarem acostumados ao processo de escolarização tradicional, carteiras enfileiradas, livro didático, representação do professor como detentor do conhecimento, resultados concretos e avaliações. Dessa forma, interpretamos que essa dificuldade expressa nesse comportamento está associada à mentalidade que a herança do ensino tradicional formou, sobrecarregando os estudantes de afazeres sem nenhuma significação, apenas para cumprir o programa de conteúdos.

Entretanto, nossa metodologia vai totalmente contra esse tipo de comportamento. Assim sendo, reafirmamos tais fatos por meio da rerepresentação do projeto para mostrar que a real aprendizagem, norteada por um princípio transformador, só se dá coletivamente. Dessa forma, tentamos deixar bem claro que os que são alfabetizados iriam ajudar os que não eram, pois, ensinando nós também aprendemos.

Notamos principalmente no início, que os sujeitos não davam tanta credibilidade a nossa metodologia, por pensarem que não traria resultados. Somente quando, quatro alfabetizados conseguiram, efetivamente, ler, os sujeitos passaram a atuar e compreender a dimensão do processo formativo. Vale ressaltar que os sujeitos aqui são tidos não apenas como sujeitos da pesquisa, mas como membros de um projeto de educação que busca contemplar diversos saberes.

Nosso trabalho na Comunidade, no âmbito da Educação de Jovens e Adultos e da Educação Popular é constituído em meio a um contexto de luta por terra, que é um objetivo em comum entre todos os moradores. A partir disso, para que haja formação, consideramos as condições histórico-culturais desses sujeitos que não tiveram acesso à Educação no tempo considerado “correto”, levando em conta seus tempos e possibilidades.

Desse modo, a aprendizagem se processa com base na contextualização entre a luta por terra e suas histórias de vida. Tal perspectiva, juntamente à nossa fundamentação teórico-metodológica, nos dá suporte para realizar uma prática educativa que permita a mais pessoas terem acesso a um sistema educativo, que historicamente pertence a elite, e que, desconsidera qualquer saber que não venha dela.

A leitura de mundo a partir das palavras geradoras são os caminhos utilizados por Paulo Freire e pelo presente projeto para alfabetizar os jovens e adultos e conscientizá-los da sua importância de estar no mundo. Mundo este que em algum momento da sua vida os negou o estudo, a aprendizagem da leitura e da escrita, da interpretação do mundo que estão inseridos, e, da sua infância até o tempo presente.

Nesse sentido, a importância de eles estarem no mundo é sempre reafirmada no decorrer dos nossos *círculos de cultura*, pois como alguns dos sujeitos são analfabetos, sendo este um termo pejorativo em muitas das vezes, a sociedade os reduz e os rotula somente a isso como se não tivessem nenhuma potencialidade e não fossem capazes de aprender. A partir dessa concepção, eles mesmos se julgam incapazes.

Para trabalhar essa questão, nos utilizamos da perspectiva gramsciana de que todos os homens são intelectuais e produtores de sua cultura, tendo em vista que existem graus diversos de atividade intelectual, que é afirmada na obra *Os intelectuais e a organização da cultura*. Assim, afirma o autor:

Todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então: mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais. Quando se distingue entre intelectuais e não-intelectuais, faz-se referência, na realidade, tão-somente á imediata função social da categoria profissional dos intelectuais, isto é, leva-se em conta a direção sobre a qual incide o peso maior da atividade profissional específica, se na elaboração intelectual ou se no esforço muscular-nervoso. Isto significa que, se se pode falar de intelectuais, é impossível falar de não-intelectuais, porque não existem não-intelectuais. Mas a própria relação entre o esforço de elaboração intelectual cerebral e o esforço muscular-nervoso não é sempre igual; por isso, existem graus diversos de atividade específica intelectual. Não existe atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o homo faber do homo sapiens. Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um “filósofo”, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar. (GRAMSCI, 1982, p. 6).

Tais novas maneiras de pensar, implicam em darmos espaço para outras formas de saber, distintas do pensamento hegemônico, deixando claro que o saber popular também produz a cultura. Nesse contexto, a metodologia freireana contempla a nossa perspectiva de formação, através de um texto construído coletivamente, resultando em material didático feito com os sujeitos e para os sujeitos. Com isso, objetivamos inserir os sujeitos não alfabetizados no próprio contexto político e social da sua realidade, impulsionando suas participações em espaços democráticos de decisão, visto que se trata de um processo de luta popular por terra.

Através do texto construído coletivamente com base nas situações-problemas-desafios, o sujeito é levado a aprender por intermédio das palavras retiradas da própria realidade, assim sendo, nossa metodologia transcende padrões lingüísticos, dado que propicia aos alfabetizandos se apropriarem da leitura e da escrita, para acima de tudo, atingirem objetivo amplo: se politizarem. O ato de ler, nesse caso, está ligado à leitura de mundo e é construído por meio de discussões de experiências tidas no próprio grupo social dos sujeitos, ou seja, a Comunidade, para aquisição da compreensão do mundo e

da palavra escrita. Tal levantamento do universo vocabular nos é dado, como já mencionado, pelo Círculo de Cultura, o que levanta a situação-problema-desafio, por conseguinte a palavra geradora, e, por meio desta, a produção do texto coletivo, o qual se torna material didático, como podemos observar abaixo com a temática geradora de “plantação”:

Plantar para que haja a produção de feijão, macaxeira, batata, mamão, tomate, cebola, chuchu, cheiro verde, milho, banana, amendoim, cana para caldo, cupu, quiabo, pimenta malagueta, alface, pimentão, cenoura, beterraba, jiló, batata doce, melancia, fava e a cultura, que é o caju. E o fumo que é vendável também. Coco da praia e o maracujá.

O segundo texto coletivo foi formulado pelo grupo de formação de educadores(as)/formação política, e tem como título “Plantar com Coragem”, é composto da seguinte forma:

O povo tem vontade de trabalhar, mas a empresa Suzano põe na cabeça do povo que se plantar vão ser expulsos da terra. É importante conscientizar a educação para o plantio. E o povo perde o medo.

Logo após a construção desses textos, ficou evidente a principal problemática da comunidade. Eles entraram em um consenso de que plantar, atualmente, é a principal necessidade deles. Assim, depois dos processos, ciclo de cultura, situação-problema-desafio, palavra geradora e a construção do texto coletivo, fruto desse processo coletivo e dialógico. Nesse caso, a palavra geradora foi definida, como **Plantação**.

Imagem IV – GEPEEEEP e um Morador, seu Ceará, Frente à Plantação



FONTE: GEPEEE, 2017.

A palavra **PLANTAÇÃO** foi dividida **P-L-A-N-T-A-Ç-Ã-O**. Conforme Freire (1977, p.116):

Imediatamente à visualização dos “pedaços” e fugindo-se a uma ortodoxia analítico-sintética, parte-se para o reconhecimento das famílias fonêmicas. A partir da primeira sílaba (...), motiva-se o grupo a conhecer toda a família fonêmica, resultante da combinação da consoante inicial com as demais vogais. Em seguida o grupo conhecerá a segunda família, através da visualização (...), para, finalmente, chegar ao conhecimento da terceira.

Percebemos, nesse modo diferenciado de alfabetização, que esse procedimento não gira em torno do saber ler e saber escrever, isso é importante, mais não é a centralidade, vai para além disso. Conforme Freire (1977, p.107): “pensávamos em um método ativo que fosse capaz de criticizar o homem através do debate de situações desafiadoras, postas diante do grupo, estas situações teriam de ser existenciais para os grupos. Fora disso, estaríamos repetindo os

erros de uma educação alienada e que não os serve, entrando em contradição com toda a nossa proposta”.

Com base em todo esse procedimento, “O Projeto Escola Comunidade Viva Deus” já certificou quatro alunos que aprenderam a ler, o Raimundo, o Antônio, a Tereza e a Virginia. Mas essa Comunidade não cresceu só na aprendizagem da leitura e da escrita, mas também, em politização e criticidade, pois a metodologia adotada, fez com que eles se tornassem ainda mais ativos no sentido de luta, principalmente pela terra, com a iniciativa de plantar, já que eles, ainda, são somente acampados e não assentados. Essa característica de luta, já era presente na comunidade, porém se tornou mais forte com a chegada do Projeto. As mudanças de concepções, a superação do medo, a aprendizagem da leitura e da escrita e o ato de plantar, são algumas mudanças significativas que ocorreram com os moradores da Comunidade, por meio do “Projeto Escola Comunidade Viva Deus”.

Imagem V – Encerramento de Semestre na Comunidade



FONTE: GEPEEE, 2017.

4.2. Mantendo a Caminhada:

Em contraposição a um estilo de Educação hegemônica, todo o processo de ensino e aprendizagem do trabalho desenvolvido na Comunidade Viva Deus, deriva da perspectiva de que tudo é resultado de produção social dos homens e que as experiências políticas vivenciadas não podem ser dissociadas do processo formativo, um processo desenvolvido de modo que priorize a conscientização e constituição humana do sujeito, principalmente no contexto em que se encontra, o de luta pela terra.

É exatamente por isso que os sujeitos produzem o próprio material didático, tendo em vista que é parte da metodologia adotada, e com base no próprio universo

vocabular para servir de elemento base para o processo de alfabetização/constituição política. O conhecimento produzido e construído com base na própria cultura da Comunidade, tendo em vista favorecer os interesses da classe trabalhadora por melhores condições de vida, pois, em Freire (1979), o homem está no mundo e com o mundo, produzindo-o e transformando-o, preenchendo com a cultura os espaços geográficos e os tempos históricos. Ele se identifica com sua própria ação: objetiva o tempo, temporaliza-se, faz-se homem e história.

Tendo isso em vista, vimos a necessidade de trabalhar as situações existenciais comuns na Comunidade, por meio da obra Educação como Prática de Liberdade, através de leitura imagética do pintor Francisco Brenand, refeitas por Vicente de Abreu, presentes na obra de Freire. Tais situações possibilitaram aos educandos apreender o que é cultura, que, para nós, produz o homem. Nesse sentido, a imagem é um recurso extremamente dinâmico, exercendo influencia na nossa maneira de pensar e sentir, pois nos faz identificar diferentes manifestações e representações, além de comparar pontos de vista.

Além disso, a imagem nos dá a capacidade de conhecer e nos reconhecer na nossa própria cultura através das diversas produções de sentidos, e em Freire, as imagens nos permitem o “aclaramento de consciências”, tornando a alfabetização a porta de entrada para a comunicação escrita. No entanto, num dia de círculo de cultura realizado na Comunidade Viva Deus levamos as situações

imagéticas de Freire para o grupo de formação política no intuito de que as imagens pudessem favorecer a discussão sobre variadas temáticas.

Imagem VI – Caçador Iltrado



FONTE: FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

Tal foi a primeira imagem analisada pelo grupo num primeiro momento, onde num rápido olhar somente demonstra um índio com um arco e flecha caçando pássaros, tendo sido, essa a visão que o grupo teve da imagem. No

entanto, ao trabalharmos a imagem, buscamos instigar os sujeitos a olharem mais a fundo de modo que não tivessem uma análise rasa ou imediatista. Após isso, um dos participantes, Silvio afirma que o arco e flecha lhe chamou atenção enquanto uma arma utilizada pelo indígena para a busca da sobrevivência, além de ressaltar a relação da natureza do homem com a natureza.

A fala de Silvio sugere a distinção entre natureza e cultura, materializada através da pena utilizada nos adereços indígenas, tendo sido retirada de um animal que é elemento da natureza. Ou seja, no momento em que ela é transformada pelo homem, passa a ser cultura.

Partindo da premissa de que fazemos Educação em sua totalidade, percebemos que o indígena faz educação ao transmitir os modos de produção do seu instrumento de trabalho (arco e flecha) às gerações mais jovens e é assim que a educação ocorre numa cultura, como a dos indígenas. Aqui, não se pode falar em analfabetismo, pois é uma sociedade que se comunica e sabe a melhor forma de fazer isso, que é dada através da ancestralidade.

No momento em que eu explico toda essa conjuntura, percebo que os participantes do círculo de cultura formam uma expressão de estranhamento pelo que estava sendo exposto. “*De que modo uma cultura iletrada pode transmitir saberes aos mais jovens*”? Questionam-me. Naquele momento, era necessário falarmos sobre cultura e produção humana. A aprendizagem, em contextos de modos de vida tradicionais se dá por meio da cultura passada de pai para filho, onde toda uma situação de aprendizagem e constituição humana é elaborada de forma histórica e cultural.

Posterior a esse momento, o grupo conseguiu compreender que não podemos chamar ninguém de analfabeto somente por não dominarem a técnica da leitura e da escrita. Pude apreender isso nas falas, por exemplo: “*aprendi a educar meus filhos pelo modo como meus pais me educaram*”... “*Ah, então os índios aprendem, mas de um jeito diferente*”.

Imagem VII – Caçador Gato



FONTE: FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

A outra situação existencial explorada nesse *círculo de cultura* foi a de um gato perseguindo um rato. Para seguirmos uma linearidade, enquanto coordenadora do círculo, resolvi discutir o termo caçador, mas antes, as

impressões dos participantes acerca da imagem: “*é apenas um gato caçando um rato*”, já outro fez uma leitura mais apurada, “*o rato está caçando do mesmo jeito do índio*”. Outro participante faz uma diferenciação, “*mas o índio usa o arco e flecha, o gato não*”. Essa última fala foi ponto de partida para que pudéssemos discutir a diferença que existe entre o homem e o animal, a partir das noções de instinto, inteligência, educação e principalmente trabalho enquanto categoria fundante do ser social, posta pelos participantes.

O principal resultado da conversa foi ter percebido que o grupo apreendeu a diferença ontológica entre indígena e o gato: “*o gato não planeja a caça, o índio sim*”. Tal fala foi de fundamental importância, pois era exatamente esse o objetivo da atividade, fazê-los perceber que o homem está imerso numa constituição humana arraigada em aspectos históricos, culturais e que se desenvolve através do trabalho enquanto uma categoria ontológica e fundante do ser social. Ou seja, o trabalho é a condição fundamental para que o homem seja livre, onde tal processo possui um caráter constituidor, não resumindo-se somente a produção material, mas buscando/vivenciando um processo de transformação e constituição do próprio ser, que, ao movimentar suas forças produtivas, desenvolve suas capacidades mentais e vice versa. Ainda, o trabalho constitui o processo global de produção da vida.

Em Marx (por ano), todos os animais trabalham para sobreviver, mas o homem é o único que se constitui transformando a natureza através do trabalho a partir das suas necessidades vitais. Através do trabalho o homem coloca a natureza a seu serviço, e para aumentar seu poder sobre ela, passa a utilizar instrumentos, como fez o indígena com o arco e flecha.

A partir do trabalho realizado e dos resultados obtidos com as plantações aqui apresentados, foi proposto pela Comunidade que fosse realizado um evento denominado *Festa da Colheita*, não somente para confraternizar com os membros da Comunidade, mas para apresentar a produção agrícola adquirida ao longo do semestre.

Imagem VIII– Mural de Apresentação da Festa da Colheita



FONTE: GEPEEE, 2018.

Imagem IX – Mandala Produzida a partir da Troca de Grãos e Sementes entre os Moradores



FONTE: GEPEEE, 2018.

Outro momento de salto qualitativo da Comunidade, também ocorrido através da realização do nosso trabalho, foi quando pudemos receber uma jornalista da capital (São Luís), Valéria Sotão, que veio até nós para produzir uma matéria para um site chamado projetocolabora.org sobre a situação dos moradores em relação ao conflito com a Suzano Papel e Celulose.

O salto qualitativo foi percebido no modo de como os moradores descreverem o conflito, não mais se colocando na posição de humilhados, prejudicados ou passados para trás na empresa, mas como sujeitos protagonistas de um processo de luta por um assentamento, onde o resultado só irá depender de suas estratégias de ação enquanto um movimento. Como vimos algumas estratégias significativas, têm sido possibilitadas pelo “Projeto Escola Comunidade Viva Deus” e por todo o processo de formação política decorrente daí, conforme

anteriormente exposto no decorrer do texto, mas também, como por exemplo, o “Curso de Formação Política: Estratégias de luta e resistência na Comunidade Viva Deus”, realizado no segundo semestre de 2018. Este encontra-se relatado no final do presente trabalho (anexo), conteúdo que será utilizado para futuras produções acadêmicas sobre a temática aqui colocada.

5. CONSIDERAÇÕES DA CAMINHADA

Através da prática do círculo de cultura, a Comunidade Viva Deus alcançou objetivos que nunca haviam alcançado e obtiveram êxito nas suas metas no que diz respeito a avançar na luta pela fixação da terra. Tal êxito nos era demonstrado e vivenciado na medida em que relacionávamos a aprendizagem a experiências políticas de cada um, nos fazendo crer que o movimento social é sim uma matriz geradora de conhecimento, e nesse contexto, não pode ser dissociado da Educação. Eis, aí, o seu caráter pedagógico.

Portanto, segundo os resultados de experiências apresentadas pelo “Projeto Escola de Educação na Comunidade Viva Deus”, compreendo que o ensino, a pesquisa e a extensão devem andar sempre juntos, não como apenas um mecanismo para que se faça uma boa pesquisa, mas sim para que o objetivo da Universidade cumpra seu papel social, tanto na produção científica do conhecimento, como na ação efetiva e aplicável na sociedade, intervindo, mediando ações e práticas para o benefício da Comunidade.

Nesse contexto, as discussões acerca do presente material foi realizada por meio da presença in loco/pesquisa em campo, levando em consideração o fato de que essa investigação possui, dentre os seus objetivos, o papel prático de construção e fortalecimento da educação popular e da educação de jovens e adultos não só como referência teórica, mas da mesma forma instigar e despertar as potencialidades epistemológicas presentes no campo por meio de práticas e saberes populares, objetivando não só alfabetizar, mas também a constituição política dos sujeitos, já que se encontram num cenário de enfrentamentos políticos/social.

A práxis educativa, numa perspectiva geral, está situada em duas dimensões: a primeira engloba um sentido mais amplo, que é a educação não somente escolar que acompanha o sujeito durante toda a sua vida, encontrando na sua cultura, o elemento base para sua constituição.

A formação política da Comunidade Viva Deus é realizada a partir da formação de grupos organizados a partir do Círculo de Cultura, onde são ampliadas as trocas culturais e de vivência entre os participantes, bem como fortalecer o sentimento de identidade e pertença ao lugar em que vivem. Ao serem

organizadas atividades voltadas para a politização dos sujeitos, objetivo expandir o vínculo existente na Comunidade - que por conta dos conflitos internos causam uma fragmentação na luta e prejudicam a unicidade entre os sujeitos, aspecto esse primordial em qualquer luta popular.

Objetivo, também, romper com qualquer condição de opressão existente, visto que os sujeitos muitas vezes se sentem oprimidos diante dos projetos de desenvolvimento da Suzano Papel e Celulose, e, portanto, do grande capital, fazendo que os sujeitos se tornem cada vez mais proativos da luta no sentido da defesa e afirmação de suas necessidades e demandas a partir da potencialidade que cada um tem enquanto membros de uma coletividade.

Ainda, objetivo desenvolver o pleno desenvolvimento da autonomia dos sujeitos, com vistas ao alcance de níveis de constituição conscientização humana, que é o principal propósito do presente trabalho de conclusão de curso.

Nesse sentido, é a partir desses eixos fundamentais, dos círculos de cultura, dos encontros de grupo, das atividades de estudo, debates, reflexões, ações na comunidade e fora dela bem como atividades culturais é que a transformação social vai ocorrendo. Ocorrendo porque é caminhando que se faz o caminho.

Assim sendo, é importante frisar que a formação política bem como o planejamento das ações realizadas depende exclusivamente da participação direta da comunidade, pois eles são os principais sujeitos da intervenção social proposta no modo de trabalho aqui apresentado, bem como também são essenciais na elaboração das estratégias de luta e sobrevivência pensadas coletivamente.

Dessa maneira, a medida em que as estratégias vão sendo pensadas e formuladas pelos sujeitos sob a minha mediação, a questão da autonomia também é trabalhada, o que é de extrema importância para a luta, pois não há como pensar em transformação social sem a participação de sujeitos autônomos.

O desenvolvimento das estratégias de resistência possui em seu cerne o respeito às necessidades, limitações e anseios dos participantes, levando sempre em consideração as peculiaridades do contexto em que nos inserimos, contexto

esse marcado pela luta pela terra constituído num longo espaço de tempo e composto por pessoas majoritariamente idosas.

As atividades realizadas são de natureza artística, de lazer, culturais, e, dentre outras, onde as intervenções são planejadas de modo a criar situações tidas como desafiadoras para os sujeitos, como por exemplo, falar em público no microfone. Tais atividades são realizadas no intuito de estimular a participação política dos sujeitos, bem como reconstruir suas histórias e vivências coletivas e individuais.

Assim sendo, o círculo de cultura é a maior estratégia de luta e resistência, bem como o principal veículo para atingirmos níveis de Constituição Humana, pois é através dele que a Comunidade Viva Deus socializa suas demandas, suas vivências em grupo, para que as ações possam ser pensadas coletivamente através da dialogicidade. Ademais, o círculo de cultura é um espaço utilizado para promover processos de reconhecimento e valorização a fim de que possam se reconhecer enquanto sujeitos políticos e de luta; processos de escuta ativa no sentido de ouvir o outro com maior empatia; visa a produção coletiva, pois vivemos em comunidade e a coletividade deve sempre prevalecer; diálogo para a resolução de conflitos internos ou externos, bem como divergências, o que é natural que ocorra, mas não pode se tornar um impedimento aos objetivos do grupo; experienciar tomadas de decisões coletivas a fim de induzir posicionamentos que levem sempre o bem-estar coletivo em primeiro lugar; desenvolver a proatividade nos sujeitos de maneira que possam tomar decisões e resolver determinadas questões, desconstruindo a ideia de que a autoridade só pode ser exercida por hierarquias previamente definidas; colaborar nos processos de domínio sobre as afetações e os sentimentos de modo a saber enfrentar situações que despertam sentimentos negativos no grupo que prejudicam os objetivos do coletivo.

Dessa maneira, através da minha práxis educativa de conscientização, politização e constituição humana, temos resultados que podem ser verificados nos mais diversos âmbitos dentro da comunidade, sejam eles nas mudanças de concepções, posturas, atitudes, na alfabetização por meio da palavra geradora e da produção do texto coletivo e da ação prática e estratégica de plantar. Tudo isto

não seria possível sem o círculo de cultura, pois é através dele que as demandas são socializadas.

REFERENCIAS

BARROSO, Betânia Oliveira. **A constituição do sujeito de aprendizagem: uma perspectiva da aprendizagem situada na alfabetização de jovens e adultos no centro de cultura e desenvolvimento do Paranoá**. Tese. Faculdade de Educação, Brasília: Universidade de Brasília, 2015.

BRANDAO, C. R. (1986). **Educação Popular**. 3ª ed. SP, Brasiliense.

CYRINO, M. C. de Costa & CALDEIRAS, J. S. **Processos de negociação de significados sobre pensamento algébrico em uma comunidade de prática de formação inicial de professores de matemática**. Investigações em Ensino de Ciências – V16(3), p.373-401, 2011.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. Tradução de José Carlos Eufrazio. São Paulo: Cortez, 1998.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
19ª Ed, 1989.

_____. & SHOR, I. (1986). **Medo e Ousadia**. 10ª ed. RJ, Paz e Terra.

_____. (1987). **Pedagogia do Oprimido**. 27ª ed. RJ, Paz e Terra.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**; [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. Disponível em: Acesso em: 02 de abril de 2018.

_____. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

_____. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LAVE, J. & WENGER, E. **Situated Learning. Legitimate peripheral participation**. New York: Cambridge University Press, 1991 (16th. Printing). Traducción de Miguel Espíndola y Carlos Afonso. Supervisión de la traducción:

Giovanna Winckler. www.Moodle.ufba.br/file.php/10203/.../wenger.pdf. (Disponível em 02 de setembro de 2017).

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GRZYBOWSKI, C. **Caminhos e Descaminhos dos Movimentos Sociais no Campo**. Ed. Vozes, 1990.

REIS, Renato, H. dos & RIOS, G. V. **Desenvolvimento humano e linguagem na alfabetização popular de jovens e adultos**. Artigo manuscrito em processo de publicação (2010).

RIBEIRO, Vera Maria Masagão (Coord.). **Educação para Jovens e Adultos. Ensino Fundamental – propostas curriculares para 1º segmento**. São Paulo: Ação Educativa Brasileira/MEC, 2001.

MÉSZÁROS, István. **Ideologia e Emancipação**. In: O Poder da Ideologia. Tradução Paulo Cezar Castanheira. – São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MOSQUERA, J. J. M. **Aprendizagem significado e identidade em comunidade de práticas**. In ABRAHÃO, M. H. M. B. Professor e alunos: aprendizagens significativas em comunidade de prática educativa. Porto Alegre: EdipucRS, 2008.

LEONTIEV, A. N. O homem e a cultura. In ENGELS, F., GEERTZ, C. BALMAN, Z. & MARCARIN, E. **O papel da cultura nas ciências sociais**. Villa Martha: Porto Alegre, 1980.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais em educação**. Revista São Paulo em Perspectiva, 14 (2) 2000. Acesso em: 23 jul. 2018.

REIS, Renato, H. dos & RIOS, G. V. **Desenvolvimento humano e linguagem na alfabetização popular de jovens e adultos**. Artigo manuscrito em processo de publicação (2010).

_____. Renato, H. dos. **A constituição do ser humano: amor-poder-saber na educação/alfabetização de jovens e adultos**. Campinas, SP: Autores associados, 2011.

WENGER, Étienne, MCDERMOTT, R., & SYNDER, W. **Cultivating Communities of Practice**. Boston: Harvard Business School Press, 2002.

VASCONCELOS, Maria Lúcia, M.C; BRITO, Regina Helena P. de. **Conceitos de Educação em Paulo Freire**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes: São Paulo, SP: Mack Pesquisa – Fundo Mackenzie de Pesquisa, 2011.

VÁZQUEZ, A. Sánchez. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

ANEXOS

RELATÓRIOS

Curso de Formação Política: Estratégias de luta e resistência na Comunidade Viva Deus – Relatoria

Às 14:30 horas do dia 09 de outubro de 2018 iniciou-se o curso de formação política na comunidade Viva Deus com o círculo de cultura onde todos se apresentaram e disseram de onde vinham e a quanto tempo estavam na luta (naquela ou em outra). Após as apresentações houve uma apresentação cultural apresentada pelo presidente da comunidade, Sílvio, em homenagem ao candidato à presidência Fernando Haddad e o que significava para eles a figura deste e não do candidato opositor. Em seguida, houve uma mística interativa dirigida pelo professor Marcos Lira.

A palestra começou às 15:00 horas, sendo conduzida pelo convidado Prof. Dr. Alexandre Peixoto (UFMA), sob o tema: Estratégias de luta pela fixação da terra. Este direcionou sua fala para o papel dos enfrentamentos diários que marcam e enriquecem a luta dos trabalhadores da terra e estes como estratégias para a conquista do assentamento. O professor enfatizou o sentimento de solidariedade e de união, pontuando a importância da aceitação de novos companheiros que se aproximam do acampamento. Disse sobre a importância da clareza ao perceber quem são os verdadeiros inimigos da comunidade, em “contra quem” se luta, e o que motiva os inimigos para que seja possível a visualização de seus interesses e assim se possa lidar com essas situações de forma decisiva. Saliou também a importância de aliados que, mesmo não estando lutando pela terra, se dispõem a lutar pelos interesses humanos do movimento dos

trabalhadores, entram aqui professores, juristas e quem mais se comprometer seriamente com o contexto da comunidade.

O professor falou também a respeito da intenção motivadora da presença dos companheiros, onde estes devem ter bem claro em mente qual o papel da terra pela qual lutam: a conquista da “terra pela terra” revela inclinação individualista, que por sua vez não tem lugar na configuração de uma luta como a da Viva Deus. A conquista deve ter foco na conservação de um estilo de vida, o estilo de vida do trabalhador rural, que constitui família no campo e se sente compreendido por essa realidade, uma motivação pautada da sociabilidade. Esta conquista só será alcançada através de um coletivo, da união.

Foi lembrado o contexto de dominação envolvendo o histórico da comunidade: dominação latifundiária como Fazenda Eldorado; dominação capital de posse criminosa pela figura da Empresa de Papel e Celulose na Estrada do Arroz. Entender essas relações de opressão no contexto da terra é essencial para se articular estrategicamente. Sobretudo, para lidar com esses inimigos, é preciso estar inteirado de movimentos sociais engajados em lutas de comunidades tradicionais como o MST e o MIQCB, e a UFMA como apoio e visualização externa a comunidade, levando-a para o meio acadêmico a fora, tornando conhecida a história de luta da Viva Deus e todos juntos fortalecendo o movimento de forma legítima e organizada.

O professor declarou ser de extrema importância a presença da comunidade organizada em reuniões no IINCRA e em movimentações que tem o mesmo objetivo, sempre com postura investigadora, já que todo o processo é envolto em interesses. Além de se fazer presentes e reconhecer seus aliados, o professor salienta as três maiores estratégias no processo da conquista de terra: sentimento de solidariedade, organização formal e participação efetiva nas instituições e o trabalho caracterizado pelo plantio. Isto porque a identidade do trabalhador do campo é exatamente esta: a do homem que planta e colhe de seu quintal. Esta não pode se perder nem com todo avanço tecnológico que seja, nem com toda a estrutura que estiver, a reafirmação dela está no constante trabalho de plantio. Por este motivo a palavra geradora “plantar” adotada pelo grupo de estudo, pesquisa e extensão da UFMA no projeto Escola Comunidade Viva Deus

contempla em si a essência da luta pela terra, o motivo pelo qual se quer a terra e, sobretudo o que dá significado ao papel de cada indivíduo que forma o coletivo presente na comunidade e em outras que compartilham da mesma situação.

Ao encerrar sua fala, o professor Alexandre deu espaço para a Prof^a. Dr^a Betânia Barroso que acentuou as três estratégias da fala do palestrante e as reforçou no sentido de fortalecer a união e o sentimento de cumplicidade que precisa ser a palavra de ordem no contexto da comunidade.

A reunião encerrou-se às 16:30 horas, com mais uma música dirigida pelo professor Marcos Lira, esta reafirmando a solidariedade entre todos os presentes com a cantiga de roda “Me ajude companheiro”, onde todos cantaram em coro, dando à reunião do dia um ar de amizade e companheirismo entoando com a palestra e elevando os ânimos para a permanência da luta.

Relatoria do segundo Encontro de Formação Política (16.10.2018).

Fomos recepcionados pela comunidade, hoje com um número menor de participantes. Mas o encontro aconteceu de forma bem dinâmica.

A professora Jullyana fez a abertura do Encontro de Formação Política, formando a roda de conversa e explicando o motivo que há vez faltar no primeiro encontro, também informou a comunidade sobre a razão da ausência da professora Betânia. Em seguida, a professora Juliana retomou junto com a comunidade Viva

Deus o significado da palavra “Plantar”, como estratégia de luta pela fixação da terra e como palavra geradora. Palavra que deu força para todos da comunidade fazerem suas roças com entusiasmo.

O mediador convidado José Alves, acadêmico da Uemasul no curso de agronomia, se apresentou para a comunidade e passou a palavra para sua colega Ivanessa, também acadêmica do curso de agronomia da Uemasul.

Jullyana faz a apresentação das parcerias que a comunidade Viva Deus tem consolidado dentro do processo de resistência e luta pela fixação da terra (grupo GEPEEEP/UFMA, MIQCB), deixando em seguida o espaço para D. Raimunda (representante das quebradeiras de coco na regional de Amarante) se apresentar a comunidade. Ainda citou que as parcerias que contribuem para o fortalecimento dos movimentos de luta pela fixação da terra dando como exemplo usou a Fundação Ford que lhes proporciona apoio econômico através dos projetos que são elaborados.

Silvio (representando a comunidade Viva Deus), fez um breve relato da história de vida comunidade até o momento; a partir da fala de Silvio abrimos o espaço de fala para o posicionamento da comunidade Viva Deus em relação ao processo político que estamos vivendo, deixando claro para a comunidade a importância desse posicionamento, pois temos uma polarização política com dois candidatos: um que representa nossos interesses enquanto comunidade, trabalhadores rurais com perspectiva de sermos assentados e outro que representa exatamente o oposto de todos os nossas ideias.

A comunidade em peso se manifestou e deixou evidente que o candidato de sua preferência é pelo candidato que representa os trabalhadores.

Um morador (peço desculpas não anotei o nome), falou que mesmo sendo recém chegado a comunidade um certo dia no exercício de suas atividades na terra foi abordado por quatro homens, todos uniformizados se identificando como representantes da empresa Suzano, pedindo que o agricultor se identificasse e pedindo que ele parasse o trabalho que estava fazendo, pois a atividade em andamento era ilegal, o agricultor continuou trabalhando e dizendo que iria continuar com as atividades do plantio em sua roça.

O agricultor continuando com suas observações ressaltou que olhou com estranhamento a falta famílias (pais e filhos) morando na comunidade o que na visão do mesmo é grave, pois um acampamento que só tem homens pode ser visto como um acampamento de jagunços e no caso de uma investida da polícia pode gerar uma matança generalizada utilizando esse argumento.

Após o relato do agricultor, conversamos e ficou dito como estratégia de luta, pedir com calma que as pessoas que futuramente possam tentar para as

atividades dos agricultores da comunidade se identifiquem, e que usem as ferramentas que estiverem a seu alcance como por exemplo, aparelho celular, fazendo a gravação dos questionamentos ou mesmo ameaças que por ventura possam acontecer. Trabalhamos nesse momento o valor das provas que podem ser produzidas através desse tipo de ferramenta, servindo como prova para o Ministério Público por exemplo.

O mediador José Alves e sua colega Ivanessa, prosseguiram com a fala e abordaram o tema “monocultura”, explicando que existe a necessidade de variar a produção, pois a monocultura causa um enfraquecimento do solo e o incentivo à agricultura consorciada, além de favorecer ao solo, também pode diversificar as atividades da comunidade como por exemplo gerar renda. Nesse aspecto, os mediadores deram como exemplo de cultivo em pequenos espaços o plantio de hortaliças, José Alves diz que a Uemasul conta com o trabalho da professora Isabele que é agrônoma e tem suas atividades focadas na agricultura familiar, e nos processos de cultivo e conservação de grãos e sementes, José diz que a professora Isabele é acessível e que gostaria muito de visitar a comunidade.

Ivanessa disse a comunidade que a Uemasul conta com uma programação especial no dia alusivo ao agrônomo que conta com um dia para apresentar as atividades campesinas, deixou o convite para a comunidade participar das festividades.

Sr. Barbosa faz a observação que temos de trabalhar com atividades que estejam ao alcance de todos pois contamos nesse sentido com poucas ferramentas que possam proporcionar no momento uma ampliação do plantio. As observações seguiram e foi apresentada aos convidados as demandas que estão em andamento, como as visitas a Cemar, os documentos enviados ao INCRA, os documentos enviados para o juiz que já conhece a questão do assentamento.

Em seguida, André tesoureiro da comunidade, relata que na quinta-feira foi ao INCRA encontrar com Luciano Davanço e soube um encontro em Brasília para decidir sobre as questões do assentamento das famílias, com o apoio da comunidade Eldorado. André conclui sua fala dizendo que não sabe exatamente o motivo da reunião em Brasília.

Encerramos o segundo Encontro de Formação Política na Comunidade Viva Deus, agradecendo a presença de todos em especial aos nossos mediadores José Alves e D. Raimunda estendendo também os agradecimentos a Ivanessa.

Observação: foram entregues para o Silvio mais folders da programação.

Desse modo, a formação política, a aprendizagem e o saber da Comunidade Viva Deus é determinada pelas experiências políticas que os sujeitos têm por meio da luta popular a qual eles estão inseridos, uma vez que toda aprendizagem é tida com base na própria vivência da comunidade e no próprio universo vocabular dos sujeitos. Por meio do círculo de cultura, como já mencionado, nós mergulhamos no cotidiano da comunidade, na qual surgem diversas problemáticas, especialmente por se tratar de um contexto de movimento social que envolve sujeitos que lutam por terra.

Os resultados nos mostram que utilizar a metodologia freireana num contexto de luta por terra, de constituição humana dos sujeitos, e, portanto, de uma Educação Popular, é extremamente eficaz e significativa e isso ocorre na medida em que o educador toma como premissa a história de vida e a leitura de mundo dos educandos. Na Comunidade Viva Deus, isso era posto em prática a partir da pesquisa-ação que contribuiu para termos em prática metodologias que nos permitisse conduzir o processo a partir da ação e da reflexão da realidade dos sujeitos, realidade essa marcada pela luta diária, utilizando-a como instrumento para o desenvolvimento do processo de conscientização e constituição humana dos mesmos através da práxis, que é a relação dialógica entre a teoria e a prática.